

D(i)vagar se vai ao longe – *Viver bem no Ritmo certo: exemplos de Tondela*

Pedro Tiago Lopes da Silva

Dissertação de Mestrado em Antropologia – Culturas em Cena e Turismo
Maio, 2011



Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Antropologia – Culturas em Cena e Turismo realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Maria Carneira da Silva

Título: D(i)vagar se vai ao longe – *Viver bem no Ritmo certo: exemplos de Tondela*

Autor: Pedro Tiago Lopes da Silva

Palavras-chave: vinculações identitárias, *slow movement*, tradição, modernidade, pós-modernidade, dinâmicas de desenvolvimento local, cultura imaterial.

Resumo

Esta tese tem como principal objectivo explorar diferentes campos paradoxais da antropologia contemporânea, relacionados com uma realidade político-social e cultural pragmática e específica. Através de um olhar crítico mas comprometido com o terreno vão ser analisadas certas estratégias e mecanismos políticos adoptados em contextos locais, de modo a viabilizar respostas práticas às ambivalências da modernidade. Para tal, será utilizado o estudo de caso do Concelho de Tondela, uma vez que este município pretende ser simultaneamente sinónimo de progresso e catalisador das propriedades intrínsecas regionais. Uma das iniciativas concelhias que traduz esta vontade é a candidatura ao movimento *SlowCity*, movimento este, alicerçado no compromisso de elevar a qualidade de vida dos seus habitantes e que sintetiza em si paradigmas prementes seja na discussão académica ou “político/civil” de empoderamento cultural. Serão discutidas ao longo desta dissertação as assumpções gerais das dicotomias associadas à modernidade em paralelo com a contextualização prática no Concelho de Tondela, onde será contínua a dialéctica entre o global e o local. Para além dos pressupostos enunciados, acrescente-se a apropriação da “marca” Cultura (neste caso local) e preponderantemente a dita “Cultura Imaterial” como catalisador de muitos destes mecanismos, e essencialmente, a força destas conceptualizações ditada à candidatura a *slowcity*.

Abstract

The main aim of this thesis is to explore different paradoxical areas of contemporary anthropology regarding a specific and pragmatic local reality. Adopting a critical approach but also based on the links with the field, it will be analyzed some strategies and the political mechanisms adopted in the local contexts, in order to empower pragmatic answers to face the paradoxes of modernity. In this sense, it will be used the study-case of the municipality of Tondela which intends to be simultaneous synonymous of progress and an engine of its regional and inner properties. One of the proposals of this municipality, reflecting this will, is the application for the movement SlowCity, which is a movement based on the commitment to increase the quality of life of their inhabitants. This movement encompasses relevant paradigms of empowerment on the academic, civil and political levels. Along this dissertation, it will be discussed the general assumptions of the modernity dichotomies and its practical contextualization, in which the dialectic between global and local will be continuous. Beyond these assumptions, we also considered the appropriation of the “mark” of Culture (in this case, the local one) and the so called “Imaterial Culture” as an engine of some of these mechanisms, but mainly, we want to outline the strength of these conceptualizations linked to the application for SlowCity.

Índice

Introdução	
I. Considerações gerais sobre tempo, espaço, movimento e identidades.....	9
II. Pós-modernidade e neo-ruralismo, vivências locais.....	18
III. História do movimento <i>slow</i>	26
IV. História do movimento <i>slowcity</i> . As possibilidades de Tondela, a desaceleração como novo paradigma, potenciado através da “patrimonialização” da cultura.....	36
Conclusão.....	63
Bibliografia.....	64

Introdução

Esta dissertação com vista à obtenção do grau de Mestre em Antropologia – Culturas em Cena e Turismo – visa dar a conhecer algumas das estratégias, mecanismos e fenómenos políticos adoptados de maneira a “suavizar”, “vincular” e “humanizar” valores culturais e identitários que se dissipam na modernidade e atingem certas realidades locais. Tomando como exemplo o Município de Tondela, perceber-se-á como este tipo de estratégias resulta de um diálogo com premissas globais, obrigando a reajustamentos diários com enfoque nas raízes e potencialidades que lhe são características. Analisando os discursos, as práticas e as projecções municipais, este trabalho remete para a compreensão de mecanismos reguladores que são reveladores das respostas pragmáticas que são adoptadas perante os desafios de um município que pretende ser “moderno” e inovador sem perder e aniquilar o que de singular e tradicional lhe é característico. O paradoxo formula-se então: como ser moderno privilegiando e valorizando a “essência” singular das tradições e traços peculiares? Como perceberemos a resposta não será linear mas reger-se-á pelo esforço contínuo de manutenção do que se entende como urgente cuidar e resgatar das estruturas das memórias regionais e, ao mesmo tempo, inovar, adoptando directivas, competências e protocolos de regências extra-regionais. Movimentos e cuidados impulsionados e credibilizados significativamente através da implementação de novas directivas relacionadas com o Património, essencialmente o Património Intangível. Conceptualização esta, “objectivada” nos cânones Internacionais na convenção UNESCO (2003).

A recolha de dados que aqui apresentamos ocorreu ao longo de ano de estágio para a entidade Municipal, onde desempenhei diferentes funções, tais como: guia e pedagogo do projecto “Ambiente do Ar”, responsável por dinamizar e criar projectos de cariz valorativo, didáctico e inter-comunitário para a nova entidade recém-criada no Município – o Museu Terras de Besteiros - entre as quais destaco o concurso de filme documental *d’Olho* ou ainda o projecto “Dar Sentido aos Sentidos”. Contudo, de todas as práticas e projectos elaborados aquele que têm peso significativo para esta

dissertação é a candidatura de Tondela a *Slowcity*, que acaba por aglomerar todos os restantes. Daí resultou um enriquecimento factual do conhecimento regional decorrente de uma familiarização constante com as atmosferas e políticas adoptadas, implementadas e projectadas pelo Município de modo a, alegadamente, satisfazer e melhorar a qualidade de vida de seus habitantes e visitantes, com o intuito claro, de um aliciamento constante de ambos.

O corpo inicial da dissertação resultará então da abordagem que caracteriza as matrizes políticas na adopção de estratégias e mecanismos de “vinculação identitária” nos paradoxos da contemporaneidade. Reflexão subjugada por certas premissas incontornáveis da Antropologia, num campo de debate mais teórico e especulativo onde conceitos como *pós-modernidade* e *processos identitários* servem de base teórica para a análise introdutória.

Seguir-se-á um pequeno “bebericar” reflectivo em torno da desmistificação do binómio urbano/rural na contemporaneidade, contudo, sem grande sustentabilidade discursiva suportada em reflexões académicas, e mais instigada pela vivência ôntica dos factos.

A reflexão confluirá para a reconstituição do movimento *slow* e para o caso concreto da candidatura do Município de Tondela a *Slowcity*, numa dialéctica constante com as regências paradoxais da imaterialidade da sua aura, e como estas directivas são/estão legisladas e legitimadas no quotidiano. A existência desta “conceptualização intangível” é re-formulada e reforçada com a materialização de certas estruturas *in loco*. É exemplo; a criação de espaços e elementos próprios no Concelho que visam promover uma melhor qualidade de vida e fortalecer os laços entre o Homem e o seu meio envolvente - ciclovias, percursos pedestres, parques de lazer e recreio como também de ócio, zonas e projectos demarcados de interesse ambiental, projectos de requalificação urbana, apostas nas energias alternativas, exaltação da cultura gastronómica - surgem como realidades imbuídas desta aura “*slow sofisticada*” que o município apresenta, desenvolve e pretende exportar.

Cruzando então, todos os interstícios da necessidade de *slowing* conceptual e física para assim atingir, alcançar, o “ir mais além” no pleno escrutínio da expressão, segue-se todo um exercício de textualização.

E tal como nos sugere o provérbio “*de(i)vagar se vai ao longe*”, fica explícito que através deste pequeno trocadilho, duas direcções tomam forma. Se por um lado “devagar” (*slow*) torna o percurso mais consciente e as metas mais lucidamente alcançáveis neste mundo sagaz pela velocidade, por outro, através da “divagação”, seja epistemológica e ontológica ou simplesmente espacial, alcançam-se novas conceptualizações e atributos inerentes a esses novos “espaços” ocupados.

Capítulo I

Considerações gerais sobre tempo, espaço, movimento e identidades

Um dos argumentos correntes contra a coerência das culturas e a possibilidade de se realizar qualquer tipo de etnografia sistemática é que, como um certo rio filosófico de renome, as culturas estão sempre mudando. O fluxo é de tal natureza que jamais se pode mergulhar duas vezes na mesma cultura. E, todavia, a não ser que alguma identidade e consistência sejam simbolicamente impostas às práticas sociais, como também aos rios, não apenas pelos antropólogos mas também pelas pessoas em geral, a inteligibilidade, ou mesmo a sanidade, para não falar na sociedade, seriam impossíveis. Pois, parafraseando John Barth, a realidade é um lugar para se visitar (filosoficamente), mas ninguém nunca morou lá.” (Sahlins,2003, p.19)

“*Tondela um Concelho em Movimento*” (frase figurativa de publicidade institucional, política e regional que abunda em *placards* informativos, folhetos e revistas de propaganda municipal), é nesta síntese que a realidade municipal se tem alicerçado ao longo dos últimos anos, consciente que este movimento se quer coerente e de progressão contínua e clara. Movimento metaforizado nas hélices das ventoinhas eólicas presentes em grande número no Concelho, que “vagarosamente” imprimem uma sinergia sustentável e progressista com o intuito de um caminho a percorrer, sempre com a visão nas metas atingir, contudo nunca satisfeito das suas concretizações mas sim motivados pelo “percurso” e tracejado de constantes novas e aliciantes metas a colmatar. Esta tónica nos caminhos e oportunidades a desenvolver estão visivelmente salientadas no discurso dos autarcas, “...*deste modo, o município de Tondela não querendo perder – repetimos – oportunidades tem vindo a desenvolver candidaturas e consequentemente investimentos que passam por mais progresso, mais desenvolvimento e por mais qualidade de vida.*” (Revista Anual do Município).

O município vai respondendo aos paradoxos dos tempos modernos. Se existe problemática que o atinge, tal como ao mundo em geral, é o tempo das crises - crise económico financeira, de valores e das directrizes identitárias. Neste caso em particular o foco estará nas dimensões da crise identitária. As linhas principais que regem a

segurança identitária individual e colectiva baseiam-se na permanência da conceptualização, manutenção e transmissão dos referentes tempo/espço de comunhão. Porém, os tempos que correm apresentam barreiras nem sempre fáceis de ultrapassar ou de manter, devido à rapidez e multiplicidade de parâmetros a que vida contemporânea obriga e subjuga seus indivíduos. Surgem então conceitos tais como: desfragmentação, espaço virtual, liquidez, não-lugares (Marc Augé) que estigmatizam o *self* e servem de pano de fundo na compreensão de tais mudanças. Segurança em perigo devido também às dramáticas mutações na noção de tempo/espço vivido nas sociedades contemporâneas, uma vez que tempo/espço são variáveis indissociáveis nas ciências físicas, o mesmo ocorre nas ciências sociais, onde mecanismo de identificação e diferenciação entram numa dialéctica de pertença e recusa à construção identitária. Cada indivíduo tem impresso em si a hora o ano e o local onde nasceu, a freguesia o distrito e a nação a que pertence, quais os locais onde estudou e se profissionalizou, onde vive, onde trabalha..., tal como os *timings* tomados como socialmente aceites para cada um destes *ritos de passagem* (Victor Turner, 1974). É sobretudo na *perseverança*, *consistência*, *estabilidade* que a estabilidade identitária se vai alicerçar e reproduzir, ou seja, por demais mutabilidades circunstanciais a que estejamos sujeitos, é através da manutenção de certas características que nos reconhecemos como a mesma pessoa (Giddens, 1991). A própria etimologia da palavra “identidade” deriva do latim, *idem* que significa: o mesmo, logo é na permanência de uma certa linearidade que “eu” “nós” “mesmo/s” nos encontramos. E porque dar ênfase às dificuldades identitárias nesta dissertação?

A resposta será mais complexa que a pergunta, mas só rebuscando diferentes nuances que estão por detrás desta “diluição identitária universal” se perceberá muito do impulso essencialista e reitificador de vários fenómenos na actualidade. Como tentarei demonstrar no decorrer desta dissertação, a contemporaneidade é um vórtice de ambivalências e é nessa dicotomia que muitos fenómenos surgem e são legitimados como que de modo a fazer fase a processos de desestruturação identitária e cultural. Essencializam-se assim memórias, repositórios de passado que dão um certo sustento à efemeridade moderna.

Outras variáveis que abalam as estruturas basilares da identidade são as transformações geopolíticas: translocalidade, desterritorialização, globalização..., são fenómenos que colocam as tradicionais fronteiras étnicas e nacionais, locais e globais

num constante reajustamento, onde impera a permeabilidade e a miscigenação cultural e conceptual (Santos, 1999; Yaeger, 1996). O conceito de segurança identitária e ontológica é particularmente importante neste trabalho, pois é na base da recuperação, manutenção e (re)criação de certos traços identitários que as políticas municipais vão incidir imperativamente. Tendo como índole a vinculação do Concelho a um Município modernizado e preocupado com as tendências globais mais sofisticadas, tidas como sinónimas de progresso, são exemplo as apostas e investimentos que o município tem desenvolvido em diferentes áreas: do industrial, infra-estrutural, ambiental, turístico, cultural e tecnológico mas também a valorização e reflexão sobre uma melhor adequação das populações ao núcleo identitário da região, sublinhado as potencialidades endógenas da mesma. É nestas linhas gerais de vinculação identitária que as políticas se têm desenvolvido, contudo, ao procurar o sofisticado e moderno acaba por abarcar as consequências que estigmatizam as mesmas, ao avançar para a modernidade as realidades vêm-se subjugadas a um contexto de ambivalência permanente, onde os reajustamentos têm que ser constantes. Pois ao que parece a modernidade não quer que nos encontremos, pelo contrário, reforça neblina em redor dos traços identitários, como nos sugere Bauman. Esta, nas últimas décadas têm vindo adoptar posições que tendem a liquidificar o nosso Ser e todas as instituições reguladoras. A identidade ou a busca dela, torna-se numa prova olímpica ora de “sprints identitários” ora de camuflagens de “batotas identitárias”. O nome da obra mais emblemática de Zygmunt Bauman é revelador, a modernidade tornou-se líquida (Modernidade Líquida), esta, tal como um líquido, tem por natureza um estado disforme onde não se sustêm em nada, apenas se para tal lhe impuserem “recipientes”/barreiras com mutáveis paredes e fronteiras que lhe vão dando uma certa consistência.

“Essa obra de arte que queremos moldar a partir do estofa quebradiço da vida chama-se “identidade”. Quando falamos de identidade há, no fundo de nossas mentes, uma ténue imagem de harmonia, lógica, consistência: todas as coisas que parecem – para o nosso desespero eterno – faltarem tanto e tão abominavelmente ao fluxo de nossa experiência. A busca da identidade é a busca incessante de deter ou tornar mais lento o fluxo, de solidificar o fluido, de dar forma ao disforme. Lutamos para negar, ou pelo menos encobrir, a terrível fluidez logo abaixo do fino envoltório da forma; tentamos desviar os olhos de vistas que eles não podem penetrar ou absorver. Mas as identidades, que não tornam o fluxo mais lento e muito menos o detêm, são mais

parecidas com as crostas que vez por outra endurecem sobre a lava vulcânica e que se fundem e dissolvem novamente antes de ter tempo de esfriar e fixar-se". (Bauman, 2001, 97)

Se a modernidade pudesse ficar cristalizada num aforismo, este seria: “*este é o tempo, o tempo de nos perdemos*”, em que tudo esfumar-se-á tal é a carga sensorial a que estamos sujeitos consecutivamente, o “excesso” é a palavra de ordem nesta supramodernidade (Marc Augé, 1996). Já Marx defendia que “*tudo o que é sólido se dissipará no ar*” pois a locomotiva capitalista aceleraria tanto ao ponto de se desfazer em si própria, como uma cobra faminta que se comeria a si pela cauda. As realidades sociais onde a velocidade nos processos de produção e consumo são desenfreados, sofrem uma constante corrosão e perda de um sentido identitário e de futuro, ao que parece a efemeridade dos processos “tornam difícil manter qualquer sentido de continuidade” (Harvey, 1992, 263).

Segundo Augé a *supermodernidade* - a sociedade do excesso - tende a criar uma descaracterização constante devido em parte ao mundo *high tec* e há velocidade por fibra óptica que conecta o mundo num mostrador global, onde a História se produz no imediato. O hoje, o ontem, já é História. Tudo se torna mediático, devido à abundância de acontecimentos há um esgotamento factual onde tudo são factos históricos de maior ou menor relevância (Gimblett Kirshenblatt, 2003)

Fica aqui impresso uma primeira ideia central deste trabalho, que “um novo entendimento da categoria *tempo* está em decurso”. Nesta dissertação, como na obra de Augé esta temática serve de orientação analítica. Organizar o mundo a partir da categoria “tempo” já não faz sentido peremptório, ou melhor, é preciso encontrar novas formas de olhar os processos em decurso, as rápidas alterações espaciais devido em muito a facilidade de acessibilidade dão a impressão que o mundo encolheu. O que poderia adivinhar uma maior coerção colectiva identitária tende contudo a fragmenta-la devido às possibilidades de estarmos inseridos ao mesmo tempo em diferentes espaços, (podemos estar na nossa pagina do *facebook*, dentro do metro, na cidade y) o resultado é então um individualismo exacerbado, onde este toma forma, num corpo identitário amorfo, sem identidade própria. Parafrazeado Augé, é na busca de atribuir um sentido ao presente, como também ao passado, que a supermodernidade vai remexer no excesso factual da superabundância para assim lhe encontrar uma desesperada coerência, para

não dizer identidade, sanidade ou mesmo sociedade. O excesso de tempo 's, espaço 's, ego 's presentes na supermodernidade tende como vimos a criar vórtices temporais de descaracterização identitária, que polvilham por todo o lado lugares que enfatizam esta descaracterização, ao que o autor chama de *não-lugares*. Marc Augé define não-lugares como espaços de anonimato, de ninguém, impessoais, sem criação de laços de semelhança ou identitários relevantes. Como exemplo de não-lugares temos, os supermercados, os centros comerciais, as estações de transportes, as auto-estradas... lugares que todos nós conhecemos como plataformas apáticas de transição para outros lugares. Por oposição aos não-lugares, o autor sugere os “espaços antropológicos”, obrigatoriamente geradores de identidades, fortalecedores de relações interpessoais e que se move num tempo e espaço precisos, logo criadores de História. Preciosos nichos criadores de sentido que orientam em quem neles habita, os “lugares antropológicos” tornam-se mensuráveis a quem os observa e estuda e é no lugar da memória, numa dialéctica constante entre passado e presente que o homem presente nestes lugares constrói a sua diferença, este vive na História e não para a construção consciente da mesma.

O texto de Marc Augé realça paradoxos que fazem parte das lutas quotidianas das entidades Municipais do Concelho de Tondela no modo em que este labuta para a manutenção e efervescência do “lugar antropológico” concelhio.

“...valorizar o que de bom existe, combater a exclusão, enaltecer os bons exemplos, mobilizar vontades e meios e reforçar a solidariedade entre comunidades locais, onde o Presidente da Câmara Municipal procura constantemente interpretar, de forma atenta, as preocupações das nossas populações e os seus desejos, defender a sua identidade, promover da sua ambição colectiva, a sua auto-estima e o seu orgulho próprio.” (Revista Anual do Município, p.8)

Tondela e o seu vasto território não estão contudo numa abobada hermética, esta é abalada pelas crises globais, sejam elas de cariz económico-financeiro ou filosófico-identitário, se tempos de outrora foram significado de caracterização identitária onde os indivíduos se encaixavam socialmente em “gavetões” específicos de classe, sexo, região, nacionalidade, etnia..., hoje as fronteiras revogam novas nomenclaturas devido a plasticidade dos tempos. Um exemplo prático deste reajustamento de fronteiras de “controlo” identitário é a criação de comunidades intermunicipais. Motivado pelo actual

Quadro de Referencia Estratégico (QREN), onde Tondela segundo seus autarcas “...soube assumir-se como parceiro activo nesta nova realidade liderando, por intermédio do seu Presidente da Câmara, neste caso concreto, a NUT III Dão/Lafões, a que corresponde a Comunidade Intermunicipal da Região Dão Lafões.” (Revista Anual do Município, p.5). Estas novas nomenclaturas de unidades territoriais (NUT’s) onde Tondela “lidera” a Região denominada de Dão Lafões visa exactamente criar mecanismos de aglutinação identitária de certas regiões que partilham traços semelhantes para que se criem condições de gestão e execução com maior viabilidade. Assim por intermédio do Concelho Executivo da Comunidade intermunicipal da Região Dão Lafões, o Presidente da Câmara Municipal de Tondela, conduz os destinos de uma vasta região geográfica – correspondendo a 14 Municípios da região – protagonizando a implementação de um conjunto muito significativo de investimentos e a definição de prioridades numa lógica supramunicipal.

A tónica deste tipo de estratégias municipais parece-nos ser o de resgatar, preservar e inovar essas mesmas características endógenas que caracterizam o município e a região em que este se encontra inserido, sabendo ir longe nas ambições e projectos com o cuidado de não descaracterizar e “arrastar” as nuances singulares pelo caminho do progresso. É perigoso contudo, pensar que este sentimento de crise identitária não penetra as redes mais específicas na vasta região concelhia, a invasão é real, há contudo discursos e principalmente mecanismos que incentivam à manutenção identitária. Mas a realidade fragmentária criadora de neblina identitária está presente na atmosfera municipal, para tal basta percebermos a ênfase dada pelos discursos políticos ao decalque de uma identidade específica. Ao se recalcar sobre um conceito repetidamente este está em perigo ou merece uma dupla atenção no tratamento.

“a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiencia da dúvida e da incerteza” (Mercer, 1990, p.43)

Fica perceptível que os tempos modernos carecem cada vez mais de verdadeiros santuários de “lugares antropológicos” criadores de identidade como nos sugere Augé, no entanto, é necessário perceber como sobrevivem às vicissitudes da modernidade certas realidades locais onde o cariz identitário é tão importante ora para os sujeitos ora para as instituições que lhe sobrepõem. Do meu contacto/proximidade privilegiado com

a realidade concelhia ressalta que o jogo dialéctico entre o discurso e o factual é o seguinte; se a identidade do Concelho está em perigo esta “arranja” maneiras de se legitimar e perpetuar, inserindo-se constantemente em distintas “identidades” que a sustentam. De baluarte da Serra do Caramulo a espelho da Região Dão-Lafões onde este está inserido ele sabe como preservar e re-construir lugares preenchidos de significado. “Com um olho no burro e outro no cigano” as estratégias políticas tendem a satisfazer vontades bipolares, das necessidades modernistas de grandes superfícies comerciais a sofisticadas instalações rodoviárias que se incluem nos ditos não-lugares de Augé, às necessidades de vinculação identitária que vai desde a exaltação de aspectos específicos como seja a sua Marca Natural - o Caramulo - ou ainda há singularidade de suas actividades, a realidade Municipal é como Canclini propõe uma “heterogeneidade multitemporal” (1995, p.72). Resultado dos cruzamentos socioculturais díspares nos quais o tradicional e o moderno se cruzam e interligam numa saudável dialéctica construtiva.

Canclini, desse modo, propõe reflexões em torno do eixo tradição/modernidade/pós-modernidade, que se caracteriza como um processo sócio-cultural em que estruturas ou práticas, que existiam em formas separadas, combinam-se para gerar novas estruturas, objectos e práticas. Ao propor um debate sobre as teorias da modernidade e da pós-modernidade, Canclini ocupa-se tanto dos usos populares quanto do culto, tanto dos meios massivos de comunicação quanto dos processos de recepção e apropriação dos bens simbólicos. O entrelaçamento desses elementos veio a engendrar o que ele designou como “culturas híbridas”. Esse convívio misto, agenciador do confronto entre temporalidades distintas, justificaria, em grande medida, a ambiguidade do processo de modernização.

Canclini saliente que operar com a modernidade exige a distinção entre a “modernidade”, enquanto etapa histórica, e a “modernização”, enquanto processo social que interfere na construção da modernidade, ou seja, dos projectos que se relacionam com diversos momentos do processo construtivo da mesma. A eficácia dos processos de hibridismo reside, principalmente, na sua capacidade de representar o que as interacções sociais têm de oblíquo e dissimulado, e de propiciar uma reflexão acerca dos vínculos entre cultura e poder, os quais não são verticais. Trata-se, portanto, de verificar “*quais são as consequências políticas que decorrem da passagem de uma concepção vertical e bipolar das relações sociopolíticas para outra descentralizada e multideterminada*”

(1990, p. 345). Assim, Néstor García Canclini, ao retomar suas averiguações relativas a fronteiras e interculturalidade, salienta a necessidade de encontrar modelos propícios à abordagem das “ásperas contradições que afloram nas assimetrias globais” (2000, p.34). Considerando que este facto se deve às porosidades das fronteiras e dos fluxos multidirecionais, que prometem (ou parecem prometer) integrações Supra-institucionais mais ajustadas e credíveis ao “sucesso”, que no caso de Tondela é a sua inclusão activa na Supra-Região Dão Lafões. Um dado relevante é que Canclini insere essa nova leitura na noção clara de hibridação em vez de sincretismo ou mestiçagem, *“porque abrange diversas mesclas interculturais – não apenas raciais, às quais costuma limitar-se o termo “mestiçagem” - e porque permite incluir as formas modernas de hibridação, melhor do que “sincretismo”, fórmula que se refere quase sempre a fusões religiosas ou de movimentos simbólicos tradicionais”* (2006, p. 19), relativizadoras do paradigma binário (subalterno/hegemónico, tradicional/moderno) que tanto balizou a concepção de cultura e poder na modernidade.

Enfim, na sociedade contemporânea vivemos verdadeiras revoluções de percepção à forma como organizamos as representações culturais. Devido em parte ao aceleramento tecnológico das comunicações e de transporte que ao nos colocarem em contacto “imediate” com outras realidades culturais, obrigaram-nos a repensar sobre nós próprios e há maneira como nos relacionamos e representamos sobre nós e sobre o nosso mundo.

A Escola existencialista rege que o “eu” ou um “nós” (um conjunto de eu ‘s) só se “constrói” no constante contacto com o “outro ‘s”, esses espelhos (outros) servem então para nos identificarmos, nos diferenciarmos mas principalmente para nos questionarmos e reajustarmos. Tondela enquanto entidade criadora/exaltadora de identidades apercebeu-se deste jogo semiótico, onde através de políticas e eventos sabe-se demarcar no que entende por premente distanciar como ao mesmo tempo aproximar dos “outros”.

É na entropia bipolar que esta traça o seu caminho, partilhando visões claras sobre o seu percurso. Este Município diferencia-se dos “outros” reclamando por uma identidade singular, contudo há uma partilha identitária com o exterior (municípios vizinhos e não só) acoplado-se a estratégias que visam as mais-valias regionais (o exemplo da Ecopista Dão, partilhada com os municípios de Santa Comba Dão e Viseu),

nacionais e mesmo internacionais (como será adiante mostrado o caso da sua candidatura a uma *slowcity*).

Os modelos teóricos sobre a condição pós-moderna de descaracterização social são realidades sentidas e vividas em meios como o Concelho de Tondela, mas é na pronta e pragmática resposta diária, através de programas e protocolos com “trabalhos de casa” bem elaborados de candidatura a concursos externos como no comando de Supra-Regiões (Dão Lafões) que o executivo de Tondela reivindica a sua liderança exemplar.

“ O Município de Tondela, atento a esta situação, fez o seu “trabalho de casa”, procurando preparar um conjunto de projectos para que, no momento decisivo, pudesse avançar com as candidaturas e estar, assim, na primeira linha de realização de investimentos na região” (revista anual, p.6)

Todo o capítulo incidiu nas conjecturas primordiais que regem muitas das problemáticas actuais, o caso do Município de Tondela serviu como espelho explanatório para jogos analógicos - entre diferentes visões mais ou menos sistematizadas. A abordagem contudo, foi sempre encontrar pontos de similitude entre a teorização e os discursos e implementações políticas locais.

Capítulo II

Pós-modernidade e neo-ruralismo, vivências locais.

“... se o modernismo se inspira, de certo modo, no romantismo e no simbolismo, se constrói um projecto, se institui uma hierarquia, se visa uma obra acabada, sintética e totalizante; o pós-modernismo inspira-se no dadaísmo e na pataphysics, emerge do acaso, institui a anarquia, as suas construções baseiam-se no processo, na performance, no happening, na desconstrução e na antítese...” (Isabel Nogueira, 2007, p.130)

Se tivermos em consideração que pós-modernismo é Ser-se. Esse Ser, indefinido de quem é tudo e nada, passado e presente, numa busca identitária constante, afã esperança que amanhã poderá vir a Ser qualquer outra coisa. Construções vagas e efémeras constantes do *self*, derivado da supermodernidade exaustiva como nos apresentou Augé. Ou mesmo da liquidificação (Bauman) em redor das seguranças ontológicas que dão um certo “sustento” a esse mesmo *self*. *Self* este, que se quer maleável para não quebrar às tensões das constantes mutações dos tempos e economias agressivas da contemporaneidade (Sennet, 1999).

Pontes de ligação com pilares inexistentes, linguagem calibrada na projecção especulativa. Moradia de intelectuais, críticos de arte e cientistas sociais que lucidamente sobre as pegadas do passado e a degustação do presente jogam as pedras do oráculo científico do pós-presente em suas análises. Análises pertinentes, congruentes exemplares que não deixam de ser isso mesmo, sagazes teorizações de análises sobre a especulação do presente e pós-presente. Perceber-se-á então, que tal liquidez orgânica e ontológica do Ser Pós-Moderno, não abrange apenas ciclos elitista que sobre ele reflectem e redefinem.

Essas realidades fragmentárias, onde as dicotomias não se conceptualizam mas simplesmente vivem-se, abrangem um Todo muito maior que “a parte” sistematicamente analisada. Resultado de todo um processo socioeconómico global, imperativamente **devido** à velocidade que a comunicação humana atingiu nos finais do século XX, que chega em diferentes intensidades e escalas, mas ao chegar, imprimir com

o mesmo cunho diferentes realidades, desde o meio mais cosmopolita às zonais mais rurais. É certo que sendo distintas na forma mas semelhantes na incorporação e alienação a que são sujeitas, a sua difusão atingi diferentes meios, desde as grandes urbes às aldeias serranas do caramulo, a rede, o www (World Wide Web) vai-se alastrando. É imprescindível repensar a vulgar conotação de modernismo e pós-modernismo ao meio cosmopolita, urbano, intelectualizado, mecanizado e tecnologicamente mais avançado. Este não se redefine entre preto e branco, entre cidade e campo entre velho e novo, entre atávico e moderno.

A premência neste Capítulo não será discutir a sua existência filosófica, mas sim a sua manifestação no real enquanto objecto de análise. Partindo deste pressuposto, certas realidades tidas como tradicionais onde traços de modernismo e pós-modernismo penetram, são postos em causa, abrindo frechas de reflexão a novos campos teóricos. O caso do Concelho de Tondela e o aglomerado de suas 26 freguesias serve como exemplo desconstrutivo deste tipo de “estereótipo” na actualidade.

Poderemos falar de um pós-modernismo rural? Se entendermos por pós-modernismo, tal como no início do capítulo foi referido, “uma diluição das matrizes sociais” que em suma resulta do exagerado acesso a, consume de, crises de, que obrigam a uma nova abordagem das realidades, - muitas delas reificadas na imaginação “exterior a elas” – sim devemos ter em atenção tais mutações sociais em decurso.

O sinónimo de progresso neste sentido, não é mais um desenfreado acumular de “cimento tecnológico” mas sim uma consciencialização da bipolaridade desse mesmo estado “pós-moderno”, onde apenas a entropia antagónica de intersecção do tradicional com o moderno do veloz com o sustentável, do sofisticado com atávico ganha sentido de sustentabilidade. Então sim, poderemos novamente falar de “pós-modernismo rural” como uma estratégia de “sobrevivência” derivada da conexão (médias, Web, democratização da informação e melhoramentos infra-estruturais a todos os níveis) que abarca este tipo de realidades. É preciso salientar que as aldeias não deixam de existir e a sua aura rural está lá bem presente, contudo é preciso estar atento a diferentes agentes (individuais ou associativos) que despoletam nestas realidades mais “autênticas”. Seres estes, já “resultado” das divergências paradoxais universalistas.

Não há a mais pequeníssima aldeia serrana no Caramulo, onde a internet não penetre sua “autenticidade serrana”. Os traços simples, a rudeza das gentes e do meio continuam presentes, contudo, esta, está alterada devido há massificação da comunicação, que chega com maior estímulo a essas realidades “mais resguardadas da modernização”. A discussão sobre a maior ou menor “autenticidade” destes lugares não se coloca como premente neste caso, pois o que é importante reter, é que mesmo as localidades mais isoladas do Concelho (locais como Malha Pão, Boi, Jueus, Souto Bom que não possuem mais de 50 habitante) já possuem infra-estruturas que convidam o “mais tradicional” a conviver com o “mais moderno”. As novas gerações desses meios, em maioria, seguem esses mesmos traços típicos da comunidade, no entanto há fugas, há invasores – televisão, internet, telecomunicações móveis, deslocação e convívio com outros meios, turistas, entidades externas de regulamento local – que proporcionam novos *insights* nesses locais.

Assim, meios ainda conotados como rurais tendem a proporcionar muito dos estímulos necessários a preencher categorias e conceptualizações pós-modernas. Vidas mais despregadas a par com acessibilidades ao do que mais de sofisticado o mundo expõe (internet é todo o Mundo e suas ambivalências concentradas à mercê da curiosidade dos seus utentes) deixa espaço ao devaneio conceptual pós-moderno, surgem assim indivíduos que reclamam por um novo entendimento das ditas “realidades rurais”.

Há como que uma troca de papéis, onde grandes Urbes sinónimos de descaracterização e apatia, tendem cada vez mais a criar maiores laços de identidade devido a sua imensidão, como se dados de GPS de orientação identitária se trata-se. Qual bairro típico ou de periferia de Lisboa não tem os laços sócio-culturais mais vincados que meios mais pequenos espalhados por esse Portugal? Há uma tendência maioritariamente tribal nesses centros “urbanos”, uma desdiferenciação activa para com os “outros”, há que marcar a diferença dentro da diferença, ou apenas subjugar-se aos traços que os identifique perante os da comunidade e os “outros”.

Vários incentivos culturais e uma vida menos desregrada, resulta com que meios mais pequenos criem condições para que surjam sujeitos pré-disponíveis a preencherem, teoricamente, sintomas pós-modernos. Tondela através de diferentes dispositivos, sendo os seus dois pólos principais a Câmara Municipal e sua reconhecida Associação

Cultural e Recreativa de Tondela (ACERT), oferecem a seus habitantes e visitantes uma vasta panóplia de actividades que vão do recreio a agendas culturais de grande reconhecimento não só regional como nacional.

“É a função dos Municípios definir, desenvolver e conduzir uma política que promova o aparecimento e a realização de projectos culturais, recreativos, sociais e desportivos potenciados por cidadãos, a título individual ou por associações de reconhecida qualidade e de interesse para o concelho” (revista anual, p.17)

É através do “Regulamento de Apoio ao Movimento Associativo Cultural, Recreativo, Social e Humanitário” que o município põe em marcha as políticas de incentivo a actividades e eventos inerentes às estruturas associativas ou individuais para a concretização de seus projectos, que se querem sólidos, independentes e duradouros.

O município disponibiliza de um vasto leque de opções no que diz respeito a modernas infra-estruturas para acolher: concertos, seminários, peças de teatro, congressos, exposições... O “Mercado Velho” é exemplo de um conciso reajustamento de um “espaço” às premissas actuais. Este foi em tempos, como o nome indica, uma plataforma de suporte às trocas comerciais mais importantes de toda a zona de Besteiros que desembocavam na cidade. Ai vendia-se o utilitário e característico barro negro de Molelos (freguesia vizinha de Tondela) a par do que melhor os campos tinham para oferecer.

A minha memória ainda me deixa espaço para recordar o frenesim que se sentia todas as segundas-feiras (dia de feira na cidade), onde a cidade ganha um gosto a “verdadeira cidade”, com os engarrafamentos de veículos e pessoas em suas artérias principais. No espaço que é hoje o “Mercado Velho”, onde em tempos doutrora o cheiro de carne trespassada dos talhos se misturava com os aromas do cebolinho vendido ao molhe com suas restantes primas hortaliças, há muito se transfigurou o espaço e a utilidade do mesmo.

A segunda-feira em Tondela - dia de Feira - é um dia “estranho”, há aquela “heterogeneidade multitemporal”, de que Canclini nos fala, a pairar no ar. A atmosfera efervescente no centro da cidade nesse dia é um local “híbrido” onde o serrano “distante” ainda hoje desce à cidade, transformando a cidade num burburinho de retalhos, onde o rural e saloio se cruza com o *ipod* a caminho das escolas recém-

inauguradas de quadros interactivos. Pertinente esta partilha do mesmo espaço social por realidades tão díspares, onde um tractor transportando parte da família e tinas de cachos, ultrapassa o novo BMW estacionado à porta do sapateiro, onde os sapatos mandados vir por via online de um site inglês, recebem cola e uns remendos tradicionalmente aplicados. Este é o estado de neo-ruralismo. Não é raro mesmo em dias de chuva ver pessoas fazer quilómetros a pé ou nas suas bicicletas apelidadas de “pasteleiras” pelas oito da matina a regressarem às suas freguesias depois das cestas atestadas a mercê do porta-moedas. A teia comunitária é rica, misturam-se gentes de todo o concelho à segunda-feira, pois aproveita-se a ida à Feira e já agora trata-se de actualizar a caderneta na Caixa Geral de Depósitos, de seguida passa-se ainda na Caixa de Providência, vulgo, segurança social e se ainda restar tempo e dinheiro talvez se passe no barbeiro para um *spa* há antiga com água-de-colónia e gel. Tudo isto pode parecer bastante pastoral e floreado fruto de um olhar antropológico romântico de empatia com a terra - pois nasci no concelho e aqui vivi 10 anos da minha existência, regressando novamente este ano para estagiar -, mas se a minha estadia de um ano nas entranhas do município me mostram tal realidade, poderia e posso recorrer ao meu trabalho de campo resguardado na minha memória passada para o legitimar. Contudo este capítulo não se trata de uma monografia sobre as pulsações concelhias, mas antes como este tipo de realidade mista/híbrida se encontra num estado intermédio de categorização, ora detentora de uma aura rural/silvestre como ao mesmo tempo, exemplo do que mais sofisticado/moderno há para oferecer e implementar.

A oferta é vasta, a nível cultural muitas são as iniciativas que tomam forma, é o caso dos fins-de-semana de Agosto no renovado e convidativo Parque Urbano, com música e convívio social activo, proporcionado pela Câmara Municipal, onde este ano se realizou a Festa do Emigrante coordenada pela Emissora das Beiras (rádio local e com bastante ouvintes espalhados um pouco por todo o país).

Diferentes são os programas que a ACERT tem por bom hábito oferecer na sua agenda. Temos como casos mais significantes, o festival de jazz (*jazzin*), o “Tom de Festa” (festival de musicas do Mundo), a queima e rebentamento do judas (tradição localmente enraizada), o Finta (Festival Internacional de Teatro, organizado pela ACERT), o Fintinha (festival de teatro infantil), e vários concertos e espectáculos ao longo de todo o ano. A elevada taxa de empregabilidade no Concelho tal como as políticas que se tem vindo a desenvolver, criam condições à população para o desfrute

deste tipo de actividades. É real e verdade quem não é uma vivência linear que com a mesma mão abrange o Todo concelhio e o grosso dos seus habitantes, visto ser um vasto território, existindo freguesias e povoações bastante isoladas desde a vastidão da serra do Caramulo ao vale de Besteiros. Tal como um interesse maior ou menor da população por este tipo de actividades. Contudo até a mais pequena povoação sofreu modificações, principalmente de cariz infra-estrutural de comunicatividade.

Seja de acessibilidade, ou de melhoria das infra-estruturas existentes como a construção de novas infra-estruturas, o que prevalece realmente como matriz Municipal são as políticas que ajudem à contínua fixação das pessoas como o aliciamento de novos indivíduos através da oferta de condições e meios sofisticados adaptados às exigências contemporâneas.

Para uma melhor incorporação deste tipo de realidades, fica a exemplo o projecto “Ambientes do Ar”, desenvolvido numa pequena povoação serrana pertencente à freguesia de Caparrosa (Concelho de Tondela). Este projecto visou requalificar um núcleo de sete moinhos localizados na Ribeira da Pena, na localidade de Souto Bom (freguesia de Caparrosa), potenciando todos os recursos Naturais, Culturais, Ambientais e Turísticos do meio, com a intenção de avivar a economia local como ao mesmo tempo dinamizando pedagogicamente o espaço como leituras actuais e inovadoras. “...*A envolvente natural, cultural, ambiental e turística que circunda a Serra do Caramulo, potenciou um projecto para valorizar os recursos endógenos e estruturar a economia local, além de qualificar o sistema rural numa perspectiva de desenvolvimento sustentável...*” (Projecto Os Ambientes do Ar, o Espaço, o Sistema Solar e o Planeta Terra).

Souto Bom é uma localidade tipicamente serrana, com casario antigo organizado em núcleos de ruas e quelhas estreitas, calçadas de pedra, descendo para as hortas e para os campos de milho. Ainda é possível encontrar canastros (designação local para o espigueiro) que guardam o milho, como eiras que ainda hoje se limpam para a seca do feijão e para a malha dos cereais. Os moinhos de água presentes em grande número e preservados em ótimas condições (existindo um ainda em funcionamento hoje em dia para servir à comunidade) na localidade, enquadram-se no grupo denominado de “roda horizontal”. São moinhos de um só rodízio, construídos a partir dos materiais existentes na região como é o caso do castanho para as pás/penas do rodízio como do granito para

a sua carcaça e mó. O projecto “Ambientes do Ar” está estruturado entre a escola primária no centro da aldeia e os 7 moinhos requalificados. A escola primária, em tempos desactivada devido ao êxodo rural vê-se agora aumentada e requalificada de maneira a suportar um centro de acolhimento e interpretativo ao projecto “Ambientes do Ar” como ao mesmo tempo servindo de suporte associativo à comunidade de Souto Bom. A requalificação total do espaço contemplou ainda a construção de rampas de acessibilidade de ligação entre os vários moinhos, estabelecendo assim uma rede de circulação interpretativa ao longo do percurso. Os moinhos recuperados - além de poderem continuar a moer - ganharam novas funções pois cada um representa um centro interpretativo específico e didáctico:

- Moinho 1 (do universo), é invocada a imensidão do universo através de uma imagem que ocupa todo o tecto do mesmo.
- Moinho 2 (do Homem e da Terra), somos remetidos para a ligação entre o Homem e as matérias-primas (terra, ar e água) que a terra lhe oferece para este se sustentar
- Moinho 3 (o funcionamento do moinho), onde através de um esquema ilustrado nas suas paredes e devido a este ainda permanecer em uso regular à comunidade de Souto Bom, podemos observar a “ancestral” forma de moagem.
- Moinho 4 (três R’s, Reduzir, Reutilizar e Reduzir), consciencialização destes termos através de painéis explicativos.
- Moinho 5 (energias renováveis), através de instalações elucidativas de algumas formas de energias renováveis (eólica, solar, biomassa, geotérmica, hídrica) este moinho é rico já que remete para a envolvência do local e das potencialidades destas energias na região.
- Moinho 6 (energia hídrica), é explicado como através da maneira ancestral de construção de rodízios para a moagem de cereais se pode hoje em dia construir modernas barragens produtoras deste tipo de energia baseada numa forma tão primitiva.

- Moinho 7 (fauna e flora), é através da ilustração de exemplares espécies de fauna e flora desta zona ripícola que através de imagens nas paredes deste moinho somos remetidos para todo o exterior natural que acompanhou o percurso deste circuito.

Todo o projecto fica concluído com mais três áreas interpretativas: a zona do telescópio (onde se pode apreciar com bastante qualidade o universo através de um potente telescópio adquirido pelo Município), o sistema solar (representado pelos “oito” planetas - onde Plutão ainda está inserido - espalhados equidistantemente através de toda a plataforma), como ainda um relógio solar analemático (o mostrador é uma elipse e a sombra do individuo no centro dessa elipse é que vai servir de ponteiro).

Este sucinto resumo do projecto Ambientes do Ar, veio exemplificar apostas do município de “misturar” realidades díspares (da astronomia mais avançada, ao antigo processo de moagem do milho) numa mesma convivência e com renovadas leituras interpretativas dos espaços. Onde numa “tradicional” aldeia serrana se avista no mesmo quadro e com igual importância valorativa os espigueiros tradicionais como as modernas ventoinhas eólicas. As lutas municipais neste campo dicotómico são diárias, desde o plano financeiro de implementação de obras públicas ao plano ético e valorativo da presença de não alterar profundamente muitas dessas realidades mais pristinas que lhe são características, há uma constante e renovada consciencialização *in loco* dos ajustamentos. Mas se há condição ao Ser moderno e pós-moderno é essa lúcida e não fácil, convivência com a dicotomia e maleabilidade dos tempos de hoje.

Capítulo III

História do movimento *slow*

“Que os Deuses confundam o homem que primeiro descobriu

Como distinguir as horas – confundam também

Aquele que neste lugar pôs um relógio de sol

Para cortar e talhar os meus dias tão miseravelmente

Em bocadinhos!

...Não posso (nem sentar-me para comer) sem que o sol me dê permissão

A cidade está tão cheia destes confundidos relógios... (Honoré, 204, psg.48 citando Plauto¹⁾

Agendas electrónicas comandadas pelo suave, quando não, crispado e irritado toque do dedo anotando mais um compromisso:

Marcação de um fim-de-semana com a família na terra natal, encontro na quinta-feira com a amante, reunião de trabalho na sexta, não esquecer de pagar as contas do condomínio, ir buscar os filhos ao infantário e comprar ração para o gato, hoje. Provocadora tal introdução. A escolha do exemplo da taxaço do tempo para estar com a amante, não é um exercício hedonista despropositado, mas antes a explicita mostra que mesmo uma realidade desviante ou tida como aprazível de fuga ao quotidiano, na contemporaneidade, necessita do mesmo jogo mental de distribuição temporal tal e qual como a norma.

Não será o recurso ao socialmente não aceite de degustação individual da amante que estão em causa, mas sim a doença de ter que apontar, tarifar, tabelar, tributar, julgar, regular toda a sua vida num parquímetro virtual. Nem o tido como anómalo, escape, fuga, prazer tem esse benefício, tudo entra na lógica da cronometragem da divisão do tempo, a norma e o desvio.

Em máxima velocidade de preferência e sobre a batuta da informação que nos chega dos avanços tecnológicos e dos mercados neo-liberais e suas vertentes publicitárias (televisão, jornais, Web...) que incentivam acelerar. Propagandeia-se a

rapidez dos actos, desde a esfera profissional, social, económica, familiar e pessoal. O homem moderno vê-se imbuído num sentimento caricaturado numa espécie de Coelho Branco de “*Alice no País das Maravilhas*”. Sempre apressado, eternamente atrasado. E doente, literalmente. Este sentimento de urgência, de ansiedade constante é um sinal claro que o nosso relógio biológico, regulador interno já não nos pertence. Nós próprios, como bons artesãos que somos, criámos o nosso Frankenstein, o relógio interno virou despertador, parquímetro, relógio de pulso.

Dos alucinantes ritmos impostos pela contemporaneidade, saltando pelos paradoxos da pós-modernidade, que passam em muito pelo dicotómico, onde a velocidade óptica se senta num aprazível banco de jardim ou num qualquer leito da mais fiel realidade silvestre. Rege-se então, extrapolar para a textualização teórica tendo como suporte o Município de Tondela e todos os mecanismos que este tem vindo a implementar que contribuem para essa partilha *slow*. Onde o epíteto é o melhoramento da qualidade vida para autóctones e visitantes, como a optimização das suas estruturas existentes como ainda a criação de projectos com vista a um aperfeiçoamento constante e regulador.

Visto que Municípios Modernos (principalmente do Portugal Interior) sapientes das convergências económicas tendem cada vez mais a um aliciamento de seus habitantes para que estes permaneçam no Concelho, sem necessidade de se deslocarem para os maiores centros urbanos vizinhos a fim de satisfazerem as suas necessidades, como ao mesmo tempo recrutar indivíduos que se queiram instalar para “aqui” construïrem suas vidas.

Se em tempos a tónica principal dos municípios era cativar Empresas a se instalarem, hoje em dia, o tom vira-se para as pessoas. Nascem empreendimentos que visam exactamente dar respostas há locomotiva modernista em todo o seu exigente andamento, fazendo um esforço contínuo para que nenhuma carruagem fique para trás, valorizando mesmo aspectos em vias de se tornarem obsoletos. A existência de uma convivência binária entre o embarque no veloz mundo novo, consciente da adaptação e acompanhamento do que mais de sofisticado e eficiente o global exige e expõe e a urgente necessidade de desaceleração do passo, são realidades prementes que atingem as mentes contemporâneas. Desaceleração esta, para evitar o despiste identitário, sociocultural e físico, que em muito estigmatizam a contemporaneidade pós-modernista como ficou demarcado nos capítulos anteriores.

Segue-se um pequeno apanhado histórico-social da modernização tecnológica civilizacional e como pode ser interpretativo do sentimento *slow* na actualidade.

Estandarte das maiores revoluções humanísticas - da roda primitiva aos engenhos a vapor acabando no cabo óptico - todos os mecanismos que imprimissem “velocidade” à execução de determinadas tarefas eram considerados marcos assinaláveis de evolução humana. Presentes na linha da frente de todas as revoluções industriais, estes mecanismos revolucionários subjugarão e mudarão para sempre os laços socioculturais em que penetravam.

Focalizando-se a análise ao mundo capitalizado, ocidentalizado, materializado por todas estas tecnologias catalisadoras de sociedades, parte-se para a interpretação dos mecanismos de desaceleração contemporânea. Uma simples lei da física, explícita como só um “objecto” em plena aceleração pode sofrer uma força contrária de maior resistência. Analogia que se pode remeter para as sociedades humanas, se tivermos em conta a historiografia desta e principalmente as últimas décadas, rapidamente fica explícito a “velocidade” como factor preponderante em todos os fenómenos sociais, culturais, políticos e económicos. Logo, para fazer frente à frenética aceleração das premissas da vida humana, têm surgido ultimamente com maior vigor toda uma panóplia de mecanismos e filosofias com vista a suavizar os processos em decurso. Tal como acontece com a física de um objecto há uma força que resiste e imprime uma força contrária quando os processos estão num desenfreado aceleramento.

A Humanidade deve a sua aceleração a três principais revoluções industriais: a passagem da idade da pedra para a idade do ferro, com a importantíssima construção da roda reforçada a ferro, que permitiu ir mais rápido e mais longe com maior eficácia. De seguida, a dita e principal revolução, a maquinação a vapor da revolução industrial de meados do século XVII até inícios do século XX, com as suas diferentes fases de evolução, e por último e mais imperativa para este trabalho, a revolução tecno-informática, dos finais do século XX até à actualidade.

O homem moderno é o resultado de todo esse processo de delírio tecnológico. O tempo e espaço são agora barreiras que se podem forçar ao limite, há como que um afronto quotidiano à supressão da Lei da Relatividade de Einstein, como se a busca da felicidade estivesse no aceleramento dos processos socioeconómicos com vista a uma

diminuição no tempo de envelhecimento desses mesmos processos em busca da plenitude eterna.

De um modo geral a tônica principal da filosofia capitalista e conseqüentemente neo-capitalista proponham-se exactamente a essa supressão individual até à felicidade materialista. Um clímax hedonista através da capitalização de tudo que fosse rentável com uma visão muito clara sobre o aperfeiçoamento do futuro através do investimento nas esferas do financeiro e do tecnológico. Se uma característica vincada por diferentes autores sobre o estado de ser pós-moderno é especificamente a sacralização do consumismo e todas as panaceias que este acarreta, fica perceptível a importância que o consumo tem reclamado nas diferentes esferas da vida contemporânea ultimamente.

Pensamento que pode ficar caricaturado por um slogan imaginário de qualquer cadeia publicitária onde a máxima de Descartes “penso, logo existo” podia ser facilmente substituída por “consumo, logo existo”. Temos então, o consumo desenfreado como factor primordial na vida do homem moderno, visão partilhada por Zygmunt Bauman, onde a única coisa que não figura na nossa lista de compras é a opção de não comprar. De produtos materiais a experiências sensoriais não há limites nas necessidades insaciáveis do Ser Moderno. Tal com uma variação Darwinista, a selecção natural de necessidades a serem suprimidas surgem no ambiente através de mutações sociais – “no ADN Social”- e o mercado, como predador capitalista atento, arranja maneira de lhes responder. Existem mesmo mercados especulativos que apostam num produto com consciência que através da existência do mesmo surjam as necessidades para o seu consumo. Uma simples regra aritmética e marketing roga que, a existência de um nicho comercial com sucesso tem por oposição binária um promissor outro nicho. Assim sendo, fica perceptível, uma das várias explicações para o rejuvenescimento do movimento *slow*, seja precisamente, a proliferação do *fastlife* um pouco por todo o globo.

A rapidez está impregnada nos genes do *homo velox* contemporâneo, onde nas palavras de Klaus Schwab¹ “*Passamos de um tempo em que os grandes comem os pequenos para um onde os rápidos comem os lentos*”, quem não estiver com os “atacadores bem apertados” ou de “pé pronto no acelerador” para os *sprints* diários,

¹ Fundador e Presidente do Fórum Económico Mundial

ficará para trás literalmente. O porquê então de termos chegado a este ponto de saturação? Onde persiste a ânsia de preencher todos os segundos da agenda cerebral com actividades tidas como prementes, onde *“nunca nos chega o tempo para nada”*. Várias são as opiniões mas é certo que a principal está intimamente ligada com a evolução técnico-económica que o mundo tem sofrido ao longo dos séculos e como o homem a partir do momento que aprendeu a dominar o tempo, este por sua vez começou a dominar o homem. O feitiço virou-se contra o feiticeiro e é no espírito dos inquietos, que a conceptualização do tempo se torna um incontornável vórtice para reflexões.

De filósofos a cientistas emanam-se sagazes teorizações por uma inteligibilidade maior sobre o tempo. Na mente dos nossos antepassados surgem os primeiros mecanismos de taxação temporal, orientados pelas fases lunares surgem assim os rudimentares calendários, presentes já, segundo algumas descobertas arqueológicas, no homem da pré-História e conseqüentemente nas grandes civilizações que lhe provieram. Babilónicos, Sumérios, Maias, Egípcios, Aztecas, Mongois, todos eles tinham o seu próprio calendário tão desenvolvidos em alguns aspectos que ainda hoje são objecto de estudo e admiração. É certo que muito se avançou na compreensão deste paradigma, dos ancestrais calendários lunares a relógios solares às passagens de fina areia pelas ampulhetas, os dispositivos para medição do tempo tornavam-se uma obsessão humana, este tipo de ferramenta era principalmente uma resposta pragmática à sua curiosidade mas principalmente uma questão de sobrevivência. Era preciso saber quando semear x e colher y - para um maior reaproveitamento sazonal - a par da enxada, a melhor ferramenta do agricultor para com as imprevisibilidades do tempo, era exactamente ferramentas e almanaques que o orientassem no controle de toda essa imprevisibilidade temporal.

De épocas sazonais, a messes, semanas, dias, o próximo passo era ir dividindo em parcelas cada vez mais pequenas o tempo, assim é por volta do século XIII que na Europa surgem os primeiros relógios mecânicos, com exactidão suficiente para medir horas, minutos e segundos. Exporta-se esta exactidão para os quatro cantos do globo, contudo é um presente envenenado. Do agricultor ao gestor, os horários tornam as actividades mais eficientes, mas a partir que estes tomam o poder, tornam-nos prisioneiros dos seus prazos e os prazos pela sua natureza obrigam a uma aceleração

para a sua supressão. “...*O tempo do Relógio tinha ganho vantagem ao Tempo Natural.*” (Carl Honoré, 2004, 30).

Propenso ao aceleração dos processos com vista a um maior lucro, fundava-se toda a nova filosofia Capitalista Industrial e se há cliché que nos chegou desses tempos é o celebre aforismo de Benjamin Franklin: *Tempo é dinheiro*. Caldeiras entram em competição a pazadas de carvão. Se se conseguir produzir mais que os rivais então o lucro é garantido, para tal é preciso estar atento aos avanços tecnológicos que promovem e imprimem uma maior rapidez aos actos. Rapidez é eficiência e assim se regulam as matrizes que vão subjugar consecutivamente todo o mundo até há actualidade.

A par da máquina a vapor poderemos afirmar tal como Lewis Mumford² assinalou que o relógio foi a “máquina essencial” da Revolução Industrial. O tempo natural de se fazer as coisas diárias torna-se “naturalmente” dirigida pelo tic-tac mecânico, passámos de um “bam-bam” motivacional orgânico de pulsar sanguíneo, para um “tic-tac” externo que obriga a encarrilar nos rolamentos socioeconómicos. Intelectuais preocupados começam a debruçar-se sobre este novo “estado natural”, e como a tecnologia está a moldar o espírito dos humanos, como este perdeu o controlo sobre as suas próprias invenções. Nietzsche repara que a cultura da pressa está-se a instalar numa, “...*indecente e transpirante urgência, que pretende fazer tudo ao mesmo tempo...*”. A vida rápida torna-se tensa, agressiva, sistémica, corrosiva, superficial, quantidade em prol da qualidade, ansiosa, neurótica mesmo. Basta vermos como as doenças do foro psiquiátrico têm vindo a aumentar nas últimas décadas³, como também as múltiplas e diversas panaceias literárias de auto-ajuda que invadem as livrarias, para percebemos o quão verdade é tal facto. Esta obsessão com a velocidade talvez seja de um cariz mais profundo, vá de encontro com o paradigma principal da vida e o prazo-limite mais certo que temos, a morte.

A vida pode ser entendida então de duas formas distintas, como um carrossel de *eterno retorno* que rodopia num eixo metafísico intimamente cultural, onde o “tempo é cíclico”, onde há um compasso específico para cada rito de passagem civilizacional, são

² Critico Social

³ http://www.psicologia.com.pt/instrumentos/dsm_cid/cid.php

exemplo; as filosofias orientais, hindu, chinesas, ou mesmo de alguns povos ditos como “primitivos” desde a Papua Nova Guiné à selva amazónica ou às savanas africanas. Outra visão é que a vida é como uma grande jornada civilizacional onde a meta está algures e é preciso correr cada vez mais rápido para a concretização pessoal, o “tempo é linear” e perder tempo é sinónimo de perder vida, “*parar é morrer*”. A busca pelo santo graal é a busca da imortalidade efémera, e a velocidade aliada à tecnologia dá-nos uma certa noção de controlo sobre as nossas vidas.

Carros hiper-rápidos, aviões super-sónicos, telemóveis conectados 24 horas, internet cada vez mais rápida e portátil, sistemas de divulgação televisiva onde Nós é que comandamos o queremos ver, sentir, alcançar “*o comando é meo*” (publicidade da meo) dá-nos o sentimento que na obscuridade das dúvidas existências nós temos voto na matéria, e o comando do destino nos pertence mais do que nunca. Não há espaços para divagações idiossincráticas no acelerado tapete rolante civilizacional moderno.

“...Temos leis, regras, coisas, gadgets, GPS, airbags, usamos marcas dos pés à cabeça, somos escravos pós-modernos ou simplesmente escravos, somos os novos-ricos e os novos-pobres, temos vidas inversamente proporcionais ao nosso talento, queremos ligar para um desses números de empréstimos a taxa de juro muito acima das nossas possibilidades para termos mais que o vizinho. Queremos ser e não deixamos. Somos pedintes, alguns desgraçados, uns impedidos de ser, uns podiam ter sido. Somos esmolas uns dos outros, fazemos descontos para a velhice, perdemos a juventude nesse processo, nesse processo executamos o número do nosso desaparecimento, aprendemos a ser da manada e ensinamos a manada a ser como nós. Somos estranhíssimos, o mais fraco é melhor, o mais forte é mais fraco, somos a crédito, temos botox, maminhas novas, identidades lipoaspiradas, temos oferta ao consumo por todos os cantos, umas atiradas à cara, outras subliminares, somos almas que suam em ginásios, correndo para lado nenhum sobre um tapete cardiorolante, indo para o duche depois de percorridos alguns quilómetros na longa marcha do retrocesso. Voamos para a lua. Mandamos sondas para Marte. Temos quase a certeza que há água muito para lá do nosso copo. Somos provavelmente a nossa melhor invenção depois da internet...” (<http://aeiou.expresso.pt/ser-estupido-tem-ciencia=f552019>)

Tocqueville refere-se à epifania que rege o novo pensamento materialista da humanidade com a seguinte frase *“Todo aquele que dedicou a sua alma exclusivamente à procura de riquezas terrenas está sempre apressado, porque tem um tempo limitado à sua disposição para alcançar, para agarrar, e para gozar”*. A velocidade é assim um mecanismo de fuga, seja à morte ou à vida esta, dá-nos a impressão que por momentos podemos fugir à memória de constatação da nossa própria mortalidade ou de uma vida mais deplorável que levemos, se nos mantivermos distraídos com todo o zumbido e excitação que a velocidade nos proporciona as angústias quotidianas reprimem-se num canto escuro da nossa mente.

“O nosso tempo está obcecado pelo desejo de esquecer, e é para cumprir esse desejo que se entrega aos demónios da velocidade; aumenta o ritmo para nos mostrar que já não deseja ser lembrado, que está cansado de si próprio, enjoado de si próprio; que quer apagar a frágil e trémula chama da memória” (Kundera)

Como resposta pragmática a esse processo degenerativo impulsionado pela velocidade, urgem aos nossos olhos diferentes dispositivos de desaceleração em todo o factor social que abarca o indivíduo contemporâneo. Exemplos desses mecanismos são os diferentes conceitos e filosofias associados ao *Slow Movement* - como o caso das *SlowCities*, que será pormenorizadamente desenvolvido no capítulo seguinte - onde há um lúcido investimento capital e temporal na simplificação do pulsar diário. Os adeptos deste estilo de vida são reconhecidos por *“downshifters”* ou *“downsizers”* (literalmente, desaceleradores ou retardadores), chamam-lhes também os *“adeptos do decrescimento”* ou simplesmente adeptos da *“simplicidade voluntária”*. Tendo surgido com maior incidência na Austrália este movimento já conquistou até mesmo americanos e ingleses conhecidos pela sua dependência pelo trabalho e dinheiro, *workaholics* por excelência.

Estes indivíduos pertencem a realidades díspares, tal como classe, geração, ou distribuição espacial - que vai desde a metrópole mais movimentada a pequena aldeia - contudo, o que os une, é o facto de partilharem a mesma visão *Slow/Down*. Onde menos pode significar mais. Reclamam liberdade das amarras do dinheiro, de busca pelo paraíso perdido, de procura de harmonia, bem-estar e principalmente de redescoberta dos prazeres simples da vida. Muitos deles vivem num contra-senso diário, pois tendo em conta que a maior parte destes indivíduos pertencem a classe média alta, estão

sujeitos às forças contrárias entre o querer do seu estilo de vida, ao pragmatismo para suportar esse estilo de vida. A pertença a uma classe social média/média alta não é despropositada, entra na lógica do consumo elitista de um certo desafogo com as necessidades mais primárias, pois já diz a velha máxima que certas excentricidades “não é para quem quer, é para quem pode”.

Mesmo para se consumir menos, como para poder reflectir sobre a necessidade de o fazer, é preciso ter um certo grau de independência financeira, como um desprendimento intelectual que advenha desse “poder” para divagar. Enquanto meio Mundo luta para sobreviver, outro meio Mundo consome para atingir e poder partilhar de um *status*, por fim, apenas uma ínfima parte têm o privilégio de actuar e reflectir mais profundamente nas directrizes que regulam a sua vida e assim poder alterar algo.

É certo que na actualidade podemos falar numa significativa percentagem de consciências *slow*, com tendência e expectativas a aumentar a curto/longo prazo. Para justificar tal facto basta termos em consideração as infra-estruturas físicas, institucionais, académicas, literárias..., que estão disponíveis e com crescimento exponencial; é exemplo o acervo literário em redor do conceito *slow* ora de cariz profético de auto-ajuda e encaminhamento individual ou almanaques de bem-viver. Como a vigorosa criação de estruturas de vivência *slow* que despoletam por todo o lado

Dos montes alentejanos aos socalcos do Douro às verdejantes serras Beirãs as casas, hotéis, pousadas e afins estruturas assimiladas ao que se chama de Turismo Rural⁴ ou EcoTurismo são uma realidade bem institucionalizada e com saúde para crescer, “ou não fossem estas estar em locais saudavelmente localizadas” (TER, Turismo em espaço Rural). O ambiente sempre foi e será um aliado dos “desaceleradores humanos” pois este é inatamente cíclico, tem os seus prazos sazonais de renovação e encontra-se em simbiose constante com os organismos vizinhos (a lebre é veloz pois os seus caçadores naturais assim o exigem).

Dado pertinente é termos consciência que se em verdade podemos reclamar muito desta consciencialização *slowing* para a primeira década do século XXI, este sentimento sempre abrangeu longas comunidades ao longo dos milénios, é o caso das culturas orientais e suas filosofias e principais religiões, como o Budismo, o Taoismo e

⁴ <http://www.center.pt/PT/> <http://www.turismorural.pt/>

o Hinduísmo, onde a partilha de uma vida *Zen* é amplamente difundida. Contudo é concernente que apenas na actualidade se reclame por uma urgência de adaptação *slowing*, pois mesmo muitas dessas longínquas zonas exóticas de sentir *zen*, sofreram drásticas alterações, é o caso da China e Índia e dos seus arrojados crescimentos económicos. Os mercados liberais entranharam-se na atmosfera global que abrange tudo, no entanto, é nas culturas ocidentais que o crescimento de *consciencialização slow* têm ganho vigor.

Parafrazeando Carl Honoré, este é o tempo do começo de uma verdadeira revolução cultural, uma mudança radical na maneira como concebemos e lidamos com o tempo e espaço. Este tipo de “filosofia do devagar” contemporânea permite repensar a maneira como desprendemos o nosso tempo, contrabalançando cada vez mais uma troca quantitativa por uma qualitativa. Onde menos pode significar mais.

Capítulo IV

História do movimento *slowcity*. As possibilidades de Tondela, a desaceleração como novo paradigma, potenciado através da “patrimonialização” da cultura.

“Cidades lentas”, que aforismo mais desconcertante, que síntese tão expressiva da modernidade onde conceitos *à priori* tidos como opostos se juntam e ganham manifestação. “*O Concelho de Tondela é um excelente exemplo da combinação perfeita entre tradição e modernidade*” (frase introdutória do artigo sobre as manifestações culturais e desenvolvimento económico na revista anual do município, pag.9). É pois neste sentido que o grosso desta dissertação se vai desenrolar, tal é a vontade que o município tem e possui para se distinguir como exemplar anfitrião a ser congratulado com a distinção a *Slowcity*. Toda a análise deste capítulo tal como certas nuances nos capítulos anteriores têm como suporte o meu estágio no Município, havendo um cuidado no distanciamento dos processos, estes acabam com acarretar uma certa implicação, na medida que trabalhei activamente neles, contudo neste capítulo esse distanciamento não é tão fácil de manter devido à minha crença nos benefícios da candidatura a *slowcity* de Tondela.

Como ficou explicito no capítulo anterior a necessidade de desaceleração dos ritmos impostos pela modernidade estão a ganhar defensores e activistas por todo o globo, a febre da rapidez já contagiou o mundo, contudo, há antídotos a serem forjados por toda a parte e nada melhor que os alicerçar na raiz estrutural onde grande parte da população habita, as suas cidades. Onde “lugares antropológicos” de identificação e assimilação possam rejuvenescer no meio do burburinho desfigurante em que se tornaram a maioria das cidades de hoje em dia. Uma sondagem recente denotou que 25% da população da Grã-bretanha não sabe o nome dos seus vizinhos. São valores como o de vizinhança, comunidade, familiarização, empatia que se querem implementar, são estes os verdadeiros catalisadores destas “novas” reestruturações cidadinas. Segue-se então uma introdução histórica para perceber o despoletar do movimento *Slow-City* ou *Città Slow*.

Movimento fundado em Itália em 1999, principalmente influenciado pela organização já existente, *Slow Food* (comer tranquilamente), numa postura de oposição ao *fastfood*, no sentido literal do conceito e de todos os estereótipos e estilos de vida a ele associados. Sendo um movimento recente, com uma década apenas de existência, têm como berço um singular episódio que se despoletou na sua cidade mais emblemática, Roma. O rastilho partiu de um protesto liderado por Carlo Petrini⁵ contra a abertura de um restaurante da cadeia internacional *McDonald's* na famosa *Piazza di Spagna*. Incidente este, que desencadeou a criação de uma organização denominada de *slowfood* e assim deu-se início a uma bola de neve onde se viriam agregar consecutivamente outros movimentos e subculturas *slow* entre os quais as *Slowcities*.

Em 2001 a iniciativa *slowfood* é distinguida pelo *New Times Magazine* como uma das principais 80 ideias que abalaram o mundo, contudo é na sua agregação a outros domínios da socialização humana que esta vai ganhar relevo, culminando por assim dizer numa ideia ainda mais distinta e abrangente. Porque não reajustarmos, repensarmos as nossas cidades e a maneira como vivemos nelas tornando-as mais nossas, onde possamos viver e não apenas sobreviver? Assim nascem as *Città Slow*. Onde as filosofias *Slow* se podem manifestar conjuntamente com mais fulgor e mais dinamismo.

Antes de prosseguir é relevante distinguir que as manifestações *slow* e suas filosofias não penetram apenas estas realidades “prístinas” de bem viver, denominadas de *Slowcities*, elas fazem parte de uma teia muito maior que a soma dos seus ramos e associações. Elas são hoje realidades multfragmentadas⁶, que vão desde os ginásios Nova-iorquinos onde se profetiza o *SuperSlow* como prática inovadora de manter o corpo em forma através de exercícios vagarosamente lentos mas visivelmente eficazes, à produção queijo tradicional de *Ladotiri* na Grécia, reconhecido pelo seu amadurecimento em azeite, estas, são realidades imbuídas do mesmo espírito, onde

⁵ Reconhecido Cozinheiro Italiano, responsável pelo movimento *Slow Food* e activista pela divulgação das diferentes filosofias *slow*.

⁶ “O movimento *slow* está ainda a tomar forma. Não tem quartel-general nem endereço na internet, nem um líder único, nem um partido político para veicular a sua mensagem. Muita gente decide abrandar sem sequer se sentir parte de uma tendência cultural, e muito menos de uma cruzada global. O que importa, no entanto, é que uma crescente minoria está a preferir a lentidão à rapidez. Cada acto de desaceleração dá um novo impulso ao movimento *Slow*.” (Honoré, 2004, pag.24-25)

lento pode significar mais e principalmente, melhor. Qualidade em prol de quantidade, ou melhor um contrabalançar mais consciente de todas as práticas humanas desde a gastronomia ao exercício físico, o segredo está então no equilíbrio, em vez de fazer tudo mais depressa, faça-se tudo há velocidade certa. Tudo isto começa a parecer bastante utópico e descabido, fruto de mentes *new waves*, *hippes* pós-século XXI ou mesmos românticos antropólogos, idealistas vá.

Nem eu quando iniciei esta dissertação acreditava muito no próprio peixe que iria vender, como defenderia uma tese, e melhor (ou pior), uma candidatura da parte do meu Município afiliando-o a uma noção de atavismo, lentidão e conceitos que em todo não dignificam o poder Político decisor? A resposta mais sucinta será que casar o velho com o novo é uma das saídas mais eficazes para as vicissitudes da modernidade e um dado pertinente é que estando a demografia humana a envelhecer esta tem por norma “abrandar” e com tento à tranquilidade. As economias que vivem do mundo especulativo/financeiro do *Wall Street* não acharão a menor piada se a maquina capitalista depois de anos a olear começa-se a perder fulgor, será então que as economias neo-liberais e os PIB’s sustentam essa epifania? Para responder a tal paradoxo não será melhor invertemos a questão! Em vez de serem os mercados financeiros a regularem totalitariamente as portagens pré-pagas do ser humano não deve ser este a ditar e liderar a economia em que está inserido.

“... What is there emerging is a growing acceptance of heterodoxies, diversities and multiple systems, explanations and modes/scales of institutional organization, which are at least partially superseding the conventional modernist traditions of a single orthodoxy in state ideology and practices...”(Simon,1992)

Para ser mais claro, a resposta passa por um reajustamento das economias aos locais onde deve incidir uma lúcida sobrevivência dos recursos e atributos endógenos regionais em prol dos desajustados e importados sistemas externos. Ao longo deste capítulo diferentes exemplos vão demonstrar que tal é possível, que casar o velho com o novo e optar por uma mudança de atitudes mais *slow* é proveitoso e não só faz bem ao corpo como pode mesmo revitalizar economias locais/regionais. É certo que se gastarmos menos na farmácia, no médico, no ginásio, no combustível poderemos

comprar mais pão fabricado pela padaria local em vez de se optar pelo pobre pão – mas mais barato - das grandes superfícies comerciais.

Uma vasta analogia pode ser elaborada para outros produtos alimentares, como há maneira como os consumimos, já que cada vez mais as refeições são um acto solitário frente a outros mil estímulos (televisão, jornais, revistas, Web...) que nos afastam do verdadeiro sentido gastronómico, a degustação e socialização da refeição. É certo que Tondela como meio relativamente pequeno e circundado por dezenas de aldeias, ainda preserve em si muito dos rituais ancestrais que regulam a hora familiar às refeições, contudo mesmo aqui está em curso uma mudança de hábitos. Não existindo no município nenhuma cadeia alimentar multinacional, é verdade contudo, que abriram nos últimos anos espécies de, onde se pode levar uma refeição para casa em troca de uma nota das pequenas (5 euros), contudo ainda podemos dizer que se trata de uma espécie de refeição, com variados ingredientes e produzidos de maneira não massificada. Um dado relevante é que nos últimos 5 anos abriram diferentes superfícies comerciais para responder às necessidades concelhias e principalmente evitar a deslocação a Viseu para as compras mais elaboradas (as conhecidas compras do mês) e específicas (produtos mais sofisticados e modernos).

A refeição tal como outros factures humanos são principalmente influenciados pela Cultura, ao debater a realidade de Tondela não nos podemos prender numa análise apenas local sem perceber que as dinâmicas globais lhe imprimem alterações, as escalas que se formam estão num jogo de foro mais profundo e distinto onde o local “joga” e influencia o global e assim sucessivamente (Tsing, 2005). Não é coerente que se peça ao comum japonês, a viver em Tokio, que se detenha mais de 10 minutos numa refeição, isto seria um verdadeiro afronta ao seu dever com o trabalho, e ao estatuto a que este o eleva. Ser menos rápido no meio de velozes é angustiantemente desprestigiante, veja-se as provas olímpicas de *sprint* onde umas milésimas de segundo podem deitar o orgulho de uma Nação por terra ou o exemplo deste vídeo (<http://www.youtube.com/watch?v=ywmX9gW0cX0>), onde colegas de trabalho se olham numa “amigável” rotina de empilhar e arrumar cartas enquanto um é deliciosamente filmado, por ser o mais rápido a fazer o mesmo trabalho, o exemplo a seguir, o mais maquinizado e menos humano provavelmente. Excentricidades, bizarrices, atributos deviam figurar apenas no livro do Guinness e nunca num quadro de

regulação social, mesmo que estejamos a falar de trabalho onde se pede eficiência. Existe mesmo no vocabulário japonês uma palavra que resume em si os terríveis índices de sobrecarga de trabalho laboral na sua Cultura – *karoshi* – que significa “morte por trabalhar de mais”. A percepção que se tem do tempo e como este deve ser distribuído por toda a esfera social é onde as filosofias *slow* pretendem actuar.

Fica perceptível que o processo contra a velocidade começa pela Economia e esta depende da globalização da velocidade, que acaba por levar de arrasto todas as outras esferas socioculturais. É verdade que o capitalismo moderno gera extraordinária riqueza, mas é devido ao desgaste e consumo dos recursos naturais a um ritmo desenfreado tal, que a Mãe-Natureza não os consegue repor. Capitalismo está a ir demasiado rápido para o seu próprio bem, ou melhor para a sua própria sobrevivência, na ânsia de lucro a todos os custos este cego sistema está a consumir-se a si próprio. Inevitavelmente, o movimento *Slow* mistura-se com a cruzada antiglobalização, de ambas as barricadas levantam-se vozes de aviso aos perigos do “turbo-capitalismo”(Carl Honoré, 2004), é um aviso claro que este é um “...*bilhete só de ida para a exaustão, tanto do planeta como das pessoas que nele vivem...*”. As *slowcities* são assim uma resposta ao que podemos caracterizar de “globalização negativa”, mas afinal o que é uma *slowcity* e quais as vantagens se Tondela se agregar a esse carimbo internacional de “desaceleração”?

SlowCity ou Città-Slow é uma organização sem fins lucrativos, surge a partir de uma dinâmica integrada de 4 cidades italianas (Greve, Bra, Orvieto e Positano) como reacção ao *fastlife* e ao acelerado capitalismo moderno, que é caracterizado pela vida a alta velocidade, preenchido de momentos de stress, rodeada por índices de poluição cada vez mais elevados e abrangentes, pela *fast-food* importada do outro lado do atlântico e pela ausência de tempo para fruição de uma vida com qualidade e tranquilidade. É sobretudo um movimento associativo urbanístico e arquitectónico, cuja matriz defende um desenvolvimento urbano sustentável, procurando edificar uma cidade inteligente e francamente mais ideal para se viver.

Desta forma o movimento *Slow-City* tem como pilar fundamental da sua criação a preservação da tradição, da tranquilidade e das qualidades intrínsecas de cada território classificado, comprometendo-se a princípios orientadores que apontam no

sentido da valorização, conservação e salvaguarda do património arquitectónico, histórico, etnográfico e ambiental. Assim, a partir daqui enquadram-se objectivamente a qualidade das políticas urbanas adoptadas, sendo estas tomadas tendo em consciência um bem geral e comum; as dinâmicas de admiração e protecção do ambiente; o respeito pelas culturas e costumes autóctones, de forma a que estes, não se percam na poalha do tempo e que ainda se mantenham vivos e dinâmicos, como prova viva do “saber fazer”.

Importante será balizar neste momento, este tipo de diálogo comprometido, com reflexões académicas e agencias reguladoras que legitimam em parte este tipo de discursos. Passemos então a entrecruzar os diálogos das potencialidades “desaceleradoras” de Tondela, para finalmente nos concentrarmos numa outra componente - se não há mais relevante - na análise total da dissertação, que é a “objectificação” da Cultura como “novo” paradigma para validação deste tipo de fenómenos. Seja como sustento retórico de políticas internacionais ou para legitimar identidades culturais o património é hoje um recuso valioso. O seu processo de mercantilização é suportado em plataformas cada vez mais legisladas, como é o caso da legislação internacional sobre a propriedade intelectual que desde os anos 50, enquadrada na WIPO (Organização Mundial da Propriedade Intelectual), encerra o património mundial em parâmetros de inspiração ocidental, subalterno das noções canónicas do direito romano. A própria etimologia da palavra património deriva do latim *patrius/pater* e *monium*, que se refere ao poder pátrio e aos bens ou direitos reconhecidos que lhe confere legitimidade e forte poder reivindicativo.

A Cultura como recurso, como um “bem” inato da qual todos dispomos surge assim como chave para perceber a sua essencialização enquanto objecto de consumo. Seja esta apropriação para aliciamento de seus autóctones ou forasteiros, o importante será perceber mais uma vez os paradoxais processos de foclorização e reinvenção cultural enquanto produto mercantilizado. Importa atender desde logo, ao facto se estes processos (toda a aura que engloba a inclusão de Tondela a uma *Slowcity*) se, se enquadram de facto dentro de um amplo movimento de “objectificação” da cultura!

Tomemos então as rédeas no enquadramento de medidas reguladoras internacionais que tendem a impulsionar, legitimar muito destes fenómenos “objectificadores” e “reitificadores” da cultura.

A UNESCO, como supra-organismo resultado das vontades de vários Estados Membros da pós-segunda Guerra Mundial constituiu-se em volto da salvaguarda do “património” universal e de suas ameaças mais presentes (inicialmente os confrontos bélicos). Firmaria mais tarde seus princípios imperativamente através da Convenção para Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural (Paris, 1972). Em parceria contudo, com uma entidade mais direccionada para estas temáticas a ICOMOS (Concelho Internacional de Monumentos e Sítios) elaboraram-se planos conjuntos de acção em diferentes áreas, da salvaguarda à conservação e restauro terminando em elaboradas listas de inventariado patrimonial, muitos foram os campos reelaborados e activados.

O quadro final prefigurava como se o Planeta de um Museu se trata-se e coubesse agora às entidades reguladoras anunciar e listar as prioridades patrimoniais a serem prestigiadas e salvaguardadas. A noção de um mundo musealizado, assenta na ideia naturalista de salvaguarda comprometida com o *gaze* visual e cénico da cultura da Modernidade que a UNESCO transporta. O *sui generis* local deve agora estar disponível ao olhar Mundial. Aqui, como acontecera com ideia romântica de comunidade imaginada incorporada pela UNESCO, são também os modelos do mapa e do museu, bem como de outros displays visuais, que servirão de instrumentos para a produção e consumo de imagens, antes da nação, agora do mundo como comunidade imaginada (Benedict Anderson).

Este sentimento universalista e imagético do património, como o próprio nome da convenção de 1972 anuncia - Mundial, Cultural e Natural -, remete-nos a entender o património como um “corpo” inato a toda a Humanidade, na medida que o desaparecimento ou destruição de um bem cultural e natural constitui-se só por si um empobrecimento de igual modo para “todos povos do mundo”.

Da Convenção de 1972 em diante (e já na altura a Bolívia tinha enfatizado a importância da introdução da tradição oral nos cânones da mesma) que as reflexões começaram a divergir num açambarcar de diferentes leituras do património. Salteando por diferentes medidas – como a dos Tesouros Humanos e dos Livros das Línguas em Perigo (1993) – tudo viria a culminar com a constituição da Convenção para a salvaguarda do Património Imaterial (Paris, 2003) e a posterior Declaração de Yamato (2004).

Qual a importância desta última Convenção (2003) na discussão com a temática desta dissertação? Como vamos tentar demonstrar é substancialmente na alteração da percepção do conceito “Património” principalmente no dito “Património Imaterial” que esta vai incidir, pois vai modificar imperativamente o seu epíteto com fragmentos que podem agora ser absorvidos e manipulados pelos diferentes poderes institucionais. Não só o discurso já existe e sempre existiu dentro da Antropologia (as etnografias não eram/são mais que leituras mais ou menos extensas da Cultura em todo o seu espectro material e imaterial), mas há agora entidades sociopolíticas de peso na sua legitimação. Que resultam em vias credibilizadoras para a defesa de movimentos assentes neste tipo de valorização “essencialista” da Cultura na qual as *Slowcities* se encaixam.

Passemos então a enumerar as principais directivas que alinham no recente acórdão da UNESCO (2003) e que encaixam em pleno com as normas valorizadas pelo comité fundador das *Slowcities*. Segundo a definição da UNESCO, o Património Cultural Imaterial abrange: as artes do espectáculo, as práticas sociais, rituais e acontecimentos festivos, os “saber fazer” ligados ao artesanato ou a outras esferas da comunidade, a língua como meio de transmissão tradicional e afectivo, os conhecimentos e práticas que dizem respeito à natureza e ao universo, são todos eles sinónimos valorizados (como poderemos constatar no subcapítulo seguinte) pelas regências do movimento *slowcity*.

Pois este é um movimento alicerçado preponderantemente na preservação e revitalização da tradição, das qualidades inerentes de cada território classificado, na manutenção e adaptação de certos traços peculiares, comprometendo-se a valores direccionados no sentido da conservação, valorização e salvaguarda do património monumental/arquitectónico, histórico, etnográfico e ambiental.

Visão coincidente com a da UNESCO (2003), citando João Leal, “... a UNESCO define da seguinte forma a salvaguarda desse património: “medidas que visam assegurar a viabilidade do património cultural imaterial, incluindo a identificação, a documentação, a pesquisa, a preservação, a protecção, a promoção, a valorização, a transmissão, essencialmente através da educação formal e não formal, e ainda a revitalização dos diferentes aspectos desse património...”

Reinventando e “encenando” a “autenticidade” de uma certa região a que corresponde uma determinada cultura, neste caso a “cultura de Terra de Besteiros -

Tondela, a “cultura” torna-se um dos maiores e mais valiosos bens, principalmente para a indústria turística. O nome do Museu Municipal – Museu Terra de Besteiros – deriva de um passado (na antiguidade era grande o número deste tipo de guerreiros na zona agora delimitada pelo Concelho) essencializado e enfatizado no presente para vincar traços identitários. O próprio logótipo do Museu é a ponta de uma seta primitiva decalcada e estilizada a partir de uma pintura “rupestre” existente num dos esteiros do monumento megalítico mais enigmático do Concelho (a Anta da Arquinha da Moira). Esta ponta de seta primitiva transporta assim uma carga civilizacional da região, desde a pré-história aos combates defensivos dos besteiros à contínua construção de um futuro ela aponta numa direcção, mas acarreta em si simbologias culturais regionais ancestrais.

Ao falarmos da mercantilização da “cultura regional”, não nos distanciamos das realidades locais, basta termos em atenção às edições e cartazes anuais de que anunciam cerimónias religiosas, performances e animações lúdicas (Carnaval, Queima do Judas, FICTON: feira industrial e comercial de Tondela, ou as Marchas de Santo António cada vez com mais adeptos dos dois lados das barricadas) que promovem o “novo” carácter e o “novo” modo de vidas das comunidades locais a visitar, ora por forasteiros ora pelo seus próprios “autóctones”.

Ficamos então perante uma embaraçosa questão, em que é que se sustenta o dito “património cultural de Tondela”, e qual o meu papel enquanto crítico e agente comprometido com o mesmo? O facto é que esta - “a cultura concelhia” - é o substrato que vai sustentar toda a candidatura a *sloywcity*? Problemática redobrada devido ao meu comprometimento para com a candidatura, defendendo mesmo perante as estâncias decisivas que este deve ser valorizado e requalificado de modo a entrar em circuitos internacionais de exponencialidade regional. Relembro-me então da seguinte citação de Maria Cardeira da Silva:

“...Como já notou Regina Bendix, aquilo que distingue o património é a sua capacidade de ocultar as complexidades da história e da política. O excesso de visibilidade de um monumento e do passado eclipsa os detalhes históricos e do presente em que assenta. Do mesmo modo, eu acrescentaria que o que distingue os processos de patrimonialização e emblematização – quer se trate de património material, quer se trate de património imaterial – são a sua capacidade de ocultar as complexidades das dinâmicas sociais, políticas e económicas, locais e internacionais, que os promovem...”

Desemaranhando-me de tudo um complexo jogo de discussão teórico-académica de distanciamento ou compromisso com o terreno ou se há de facto “cultura imaterial” para debater e como é que se sustenta este tipo “volátil” de cultura, concentro a minha análise nos agentes promotores.

Quem são os agentes que devem regular, defender difundir e em certo modo “cristalizar” essas imaterialidades, se pertence às próprias comunidades se aos agentes exteriores “elitistas” a elas a sua manipulação? Surge-nos uma resposta política sobre isto, que contudo não camufla por completo os paradoxos escondidos em tal denominação.

No quadro português e através do Decreto-Lei n.º 97/2007, de 29 de Março, e correlativa Portaria n.º 377/2007, de 30 de Março, o IMC (Instituto de Museus e Conservação) passa assim a constituir o organismo do Ministério da Cultura cuja missão consiste no desenvolvimento e execução da política cultural nacional no domínio do PCI (Património Cultural Imaterial), nomeadamente através do respectivo estudo, preservação, conservação, valorização e divulgação, da definição e difusão dos normativos, metodologias e procedimentos relativos às diversas componentes da sua salvaguarda.

Temos assim o Poder Institucional como “maestro” do que se entende de Património Cultural Imaterial. Estando sobre alçada do IMC a cultura imaterial é contudo monopolizada por outro tipo de entidades de poder, principalmente o poder autárquico e conseqüentemente o comité nacional e posterior o internacional de *Slowcities* como agenciadores de discursos patrimonializáveis de vinculação. Citando Maria Carneira da Silva:

“A arbitrariedade de critérios socialmente construídos como o de autenticidade torna os processos de patrimonialização mais permeáveis aos discursos e valores hegemónicos. Por isso, ao falar-se de comunidade é preciso estar atento a quem tem, realmente, o poder e os recursos sociais para controlar os processos de objectificação cultural. Quem activa as versões, os repertórios, os pools patrimoniais de determinada comunidade, região ou nação? Quem pode. Sem poder não há património. Se é verdade que o património contribui de forma evidente para o empoderamento das comunidades,

é importante lembrar que, em termos legais, a última palavra continua a caber aos poderes nacionais ou internacionais instituídos.”

É neste lúcida convergência de “vontades” e apropriações díspares que o meu discurso conflui novamente no entendimento deste “novo” paradigma “pragmático” para com o compromisso de Tondela a *Slowcity*. Se o papel de Antropólogo é diversamente discutido, neste caso o meu papel parece ser bem delineado de compromisso. A volatilização e paradoxos que a cultura imaterial levanta, enquanto objecto teórico são esbatidos no real, onde há como uma injeção de materialidade nessa imaterialidade. Visão partilhada por João Leal que segundo o mesmo *“...antropologia pode e deve tornar tangível o intangível. Quando os antropólogos falam de invenção da tradição, de hibridez, de “agency”, de mercantilização da cultura, de nativos e turistas, de cultura para si, etc., restituem materialidade, concretitude, instabilidade e movimento a um património que mesmo que definido como imaterial é isso mesmo: material, concreto, instável, assente em processos sociais e culturais eles próprios materiais, que devem ser inscritos – e não rasurados – no processo mesmo da sua transformação em património. Está nas mãos dos antropólogos fazer isso, propondo intervenções diferentes sobre o património imaterial. Além de disporem do saber técnico, têm também o saber “político” para isso.*

Consciente que deixo em aberto um discurso mais elaborado e profundo sobre a “reificação da cultura”, seus perigos e benefícios, não acho que seja altura oportuna para me debruçar sobre um assunto tão problemático quando tal processo está em decurso e quando há um compromisso para com o real.

Neste sentido prossigo a textualização sobre as potencialidades de casar conceitos dicotómicos, em que a candidatura de Tondela a *slowcity* se deve alicerçar. Esta dinâmica específica de lentidão ou *Slow*, não é sinónimo de letargia, improdutividade ou desinteresse. Viver *Slow* significa exactamente o contrário. Significa uma apropriação consciente (e por isso mais atenta e demorada) do todo que nos rodeia, tentando potenciar uma vida mais plena, fazendo com que cada individuo tenha possibilidade de usufruir - com prazer - do ambiente urbano proporcionado, numa vida desacelerada e sem os condicionalismos das horas contadas e parametrizadas. No final não se trata de fazer menos, mas de fazer bem, de forma eficiente e criativa, dispondo de soluções e serviços que permitam ao cidadão comum ou ao visitante

usufruir de forma inteligente e sustentável da cidade que o rodeia. Acreditamos que a arquitectura de um povo possui sempre características peculiares que merecem ser preservadas, mas que a evolução também tem respostas para questões que poderão ser universalizáveis, sem contudo ferirem o legado cultural e o *modus vendi* de um lugar.

Assim a *Slow-city* visa manter e desenvolver as características ambientais e do tecido urbano, valorizando as técnicas de preservação, retirando o máximo de cada coisa, recorrendo à sabedoria ancestral e vernácula aliando-a às novas formas de tecnologia e de vanguarda, o sentido de projectar, comunicar, transportar, hospedar, produzir e planear. Assim a própria cidade – em parceria com os diversos operadores – deverá conceber nas suas políticas, as formas mais sustentáveis de potenciar a qualidade de vida dos cidadãos, no estreito respeito pelos pressupostos do *slow-movement*.

O logótipo deste movimento, desta associação, um caracol carregando uma coroa onde se distribuem construções antigas e contemporâneas, representa bem o ideal deste conceito: escolher o que a tecnologia e a vida moderna trazem de bom e de bem, sem abdicar das tradições, estejam elas mais ou menos adulteradas - afinal de contas a tradição nunca é nem foi nunca um Ser fixo e morto, elas estão em constantes reajustamentos.

Volvidos mais de 10 anos desta iniciativa, actualmente países como a Alemanha, Austrália, Áustria, Bélgica, Canada, Dinamarca, Inglaterra, Holanda, Itália, Nova Zelândia, Noruega, Polónia, Coreia do sul, Espanha, Suécia, Suíça, Turquia e Estados Unidos já fazem parte deste movimento, consolidando-se assim como uma rede mundial de cidades com objectivos comuns e soluções tão dispares quanto os povos que as preenchem. Cria-se assim um *know-how* diversificado, porque advém desta mundividência, que posteriormente será partilhado, debatido, adequado e reutilizado, colocando-se este saber à disposição das diferentes comunidades. Hoje já existem 118 cidades associadas, sendo 4 delas portuguesas (Tavira, S. Brás de Alportel, Silves e Lagos). Estamos assim perante uma rede já de dimensões razoáveis, e foi dentro desta dinâmica que a proposta foi remetido ao executivo municipal, tendo em conta – porque ama a terra – das suas potencialidades, inicia o propósito de candidatar Tondela a *Slow-city*. Hoje em dia as dinâmicas dos territórios e das cidades deixaram de ter os princípios canónicos que pautaram, a partir do sec. XIX, a construção das grandes metrópoles, e que de certa forma se arrastaram ao longo dos 150 anos seguintes.

Actualmente as cidades (municípios) competem entre si, e com elas os territórios e as pessoas. Competem por eventos, competem por actividades, competem por projectos e por iniciativas, competem por candidaturas e por apoios, competem por classificações, tentando cada uma delas tirar o maior proveito da sua realidade em prol dos seus habitantes. E quer queiramos quer não, Tondela está dentro desta competitividade. É facto que não devemos, nem podemos, descorar ou esquecer. É por isso que esta candidatura é importante! Porque fazer parte da rede que mencionei há pouco, fazer parte desta associação, é ter, por assim dizer, a possibilidade de colocar Tondela no mundo, e dentro desta dialéctica, também trazer o mundo aqui.

As potencialidades de Tondela a *slowcity*

Para se pertencer a uma *slowcity* não basta existir conceptualizações universalmente empreendedoras para a salvaguarda e empreendimento em património material e imaterial promovidos por supra-entidades (UNESCO, Ministérios da Cultura etc) ou empenho e vontade política localizada. Os critérios que devem ser preenchidos são variados e exigentes, há compromissos sérios a deter e projectar com um intuito claro de constante melhoramento. Os critérios principais, aos quais vou chamar Macro-Categorias, são os seguintes seis:

- Valorização da Produção autóctone
- Hospitalidade

- Política Ambiental
- Tecnologia e Equipamentos para a qualidade urbana
- Política de Infra-estruturas
- Consciencialização Slow

- Acção Social (introduzida este ano depois da reunião geral de *slowcities* que decorreu este ano em Seul e que já vai constar no novo quadro geral proposto pela recém-criada Associação Nacional de *Slowcities* Portuguesas)

É dentro destas Categorias que se vão incidir as principais reformas, todos os itens dentro de cada uma das categorias foi traduzido a partir do quadro geral (em inglês e italiano) facultado por *Orvieto* (sede geral das *slowcities* internacionais) e que segue em anexo. Um dado bastante pertinente, é que devido aos volumosos pedidos todos os anos a chegarem a Itália para novas candidaturas a *slow cities*, espalhadas um pouco por todo o globo, *Orvieto* sugeriu que cada País que tenha mais que uma cidade *slowcity* implementada constitui-se uma Associação Nacional.

Assim a própria Comissão Nacional de cada País adjudicaria todo o complexo processo burocrático para que as novas candidaturas pudessem surgir, fazendo a ponte com a sede mãe em Itália e reajustando as Macro-Categorias às realidades administrativas de cada Nação. Os enclaves que surgiam de se seguir um protocolo baseado e nascido numa realidade singular de administração local como Itália, provocava problemas de assimilação e implementação a realidades tão díspares como da Coreia do Sul ou Portugal.

Visto que Itália baseia a sua administração regional de uma maneira “nuclear” onde os municípios são bastantes centralizados e de administração central. Já em Portugal processa-se de maneira diferente, o reajustamento administrativo e vinculativo só faz sentido pelo conjunto global do seu território, o “núcleo”, a sede de Concelho, é apenas mais um pólo do Conjunto geral que caracteriza o Município. Não podemos ou devemos pensar, projectar Tondela, apenas na sua cidade matriz. Tondela é Caramulo, são as suas 26 freguesias características, os seus vales e suas serras, Tondela é a dinâmica que se estabelece nas suas fronteiras concelhias.

Um dos critérios exigidos é que nenhuma cidade candidata a *slow* ultrapasse os 50 000 mil habitantes, que exclui à partida metrópoles que por mais que obedeçam a muitos dos critérios *slow* vêm no seu elevado número de habitantes uma sentença aos laços *slow* que se pretendem desenvolver ou rejuvenescer. Tondela no total das suas freguesias e aglomerados fica pelos 32 000 mil habitantes, não ultrapassando a própria Cidade os 4 000. Todo o processo de candidatura de Tondela a *Slowcity* está neste momento em *standby*, devido a alterações governativas externas e internas ao Município.

Segue-se então o desenvolvimento das Macro-Categorias e subagentes itens que vão sendo preenchidos para futura legitimação dos traços a defender na candidatura. A exemplo, ficam também várias actuações desenvolvidas *in loco* nos últimos dois meses (Julho e Agosto) de estágio na Câmara Municipal (visto este ser um projecto de tese, pessoal, que acabou vigando para um plano concretizável); reunião com o Vereador da Cultura e Vice-Presidente a fim de me integrar de certas dinâmicas municipais como culminar acertos sobre o próprio processo da candidatura. Várias deslocações a diferentes meios a fim de me imbuir dos assuntos a desenvolver no quadro geral da candidatura. Entre os quais, uma visita ao restaurante Três Pisos (freguesia de Tonda) como também ao restaurante Passadiço (freguesia de Lobão da Beira) para um melhor enquadramento das práticas e cuidados que estes dois marcos gastronómicos da região possuem a nível de consciencialização que venha a figurar das exigências *slow*. Deslocação à firma Ecoseiva, sediada em Lobão da Beira, sendo actualmente uma das maiores (se não o maior) produtora de agricultura biológica/orgânica como também à Quinta de Bispos (sediada na freguesia de Campo de Besteiros), também ela reconhecida marca de produção biológica, incorporando na sua extensão espacial vários núcleos de turismo eco/rural com bastante projecção nacional e internacional.

Todo o desenvolvimento textual que se segue dentro dos itens das Macro-Categorias é de cariz mais formatado para a candidatura e desenvolvido para esta dissertação, pois apenas os tópicos devem ser imperativos para a candidatura com as consequentes provas que o legitimem.

A Associação das Slowcities Nacionais Portuguesas encontra-se com as directrizes e estatutos delineadas, estando apenas em compasso de espera a assinatura do protocolo

por parte dos Presidentes dos diferentes Municípios que constituem o núcleo da Associação Nacional. São eles os Municípios de São Brás de Alportel, Silves, Tavira e Lagos. Ficando acordado e estabelecido através de telefonemas emails o envio de um ofício da nossa parte (município de Tondela) em Setembro (o que ainda não aconteceu devido ao término do meu estágio) a solicitar a candidatura formal à Associação, fazendo assim despoletar todos os seguintes procedimentos. Tal como a visita de um ou mais membros da Associação Nacional para avaliarem às potencialidades e os requisitos oferecidos pelo Município a fim da sua avaliação final.

Um dado que muda com a implementação da Associação Nacional de *Slowcties* é que todo o processo de legitimação passar primeiramente pela Associação Nacional e só depois seguir para a sede internacional, situada em *Orvieto*. Consequentemente se toda a avaliação se Tondela corresponder a mais de 50 % dos critérios estabelecidos é então considerada *Slowcity*.

Só depois da nota lançada e dentro da pontuação alcançada que dependerá a sua “autenticidade” *slow*. Uma cidade com uma pontuação final acima dos 85% é considerada mais *SlowCity* que uma com uma pontuação de 65%, logo há *slowcties* mais *slow* que outras, que resulta numa dialéctica combativa de recursos inatos e estratégias contínuas de um constante melhoramento integral.

Apresenta-se de seguida a lista de critérios, baseada no alinhamento original italiano, numa demonstração – ainda em curso - de como o Município se tem empenhado no cumprimento do mesmo.

Produção autóctone

- Desenvolvimento de produtos resultantes da agricultura biológica/orgânica

- São vários os produtores e firmas sediadas no Município de produção biológica/orgânica, entre elas as mais significativas são a firma EcoSeiva

(freguesia de Lobão da Beira e freguesia de Molelos) e a Quinta de Bispos (Campo de Besteiros), com uma certa dimensão, ambas, imprimem no Município bases sólidas de um processo recente mas com estabilidade já alcançada e com vista a uma maior abertura a mercados e fornecedores. Uma realidade em processo e com muitos campos a explorar, desde parcerias de fornecimento à restauração local - realidade que já vigora - é exemplo o fornecimento de legumes da época ao restaurante Passadiço sediado na mesma localidade (Lobão da Beira), como a exportação para certas realidades concelhias. Contudo, o mercado desta firma continua largamente a ser o exterior municipal⁷. Na Quinta de Bispos a realidade de sustentabilidade eco/biológica é ainda mais marcada, onde no espaço da Quinta vários são os produtos produzidos para consumo interno (restauração e comércio dentro da Quinta) como exportação do que melhor a região tem para oferecer, como é o caso da característica laranja de besteiros, o laranjal desta quinta é vasto e funciona de maneira a responder às necessidades internas como a proporcionar agradáveis zonas de lazer e trabalho aqueles que se instalarem na Quinta. Uma das mais características rotas pedestres do Concelho (a Rota dos Laranjais) passa inclusive na quinta em determinado troço.

- Certificação de produtos de qualidade (local).

- Vários são os organismos de certificação denominados de OC'S – Organismos de Controlo e Certificação - dentro dos quais a Ecocert Portugal é a reguladora da firma EcoSeiva.

- Produtos Manufacturados de qualidade.

- Programas de recuperação de produtos excepcionais artísticos, em vias de desaparecimento.

- Produzidos pela Câmara Municipal e em parcerias saudáveis com a ACERT (Associação Cultural e Recreativa de Tondela) desenvolvem-se

⁷ (http://www.dailymotion.com/video/xe199k_ecoseivaagricultura-biologica_tech).

várias actividades baseadas em ritos ancestrais que tiveram em vias de desaparecer, é o caso da famosa queima do Judas, reconhecida regionalmente e a nível nacional, recorrendo ao local todos os anos milhares de espectadores. Uma outra actividade rejuvenescida e recriada pelos órgãos Municipais são por exemplo as Marchas Populares de Santo António. “...As Marchas de Santo António estabeleceram, este ano, mais um assinalável êxito. Desfilaram dezoito representações, constituindo a maior participação de sempre do movimento associativo Concelhio. A assinalável moldura humana, que ultrapassou todas as expectativas, pôde apreciar o desfile de 733 marchantes, 109 cantores, 136 músicos e 106 arcos alusivos ao tema da marcha. Por todos estes motivos, consideramos as Marchas de Stº António 2010 um grande sucesso!” (revista anual do município, pag.25)

- Recuperação e revitalização de trabalhos executados à mão, em vias de desaparecimento.

- Invocados com grande ênfase na sede do Museu Terras de Besteiros (Museu Municipal de Tondela), com vastas salas dedicadas a tais ofícios, temos vastos exemplares museológicos expostos e inventariados ora no Museu, ora em suas Reservas (Reservas situadas numa freguesia vizinha de Tondela, chamada Nandufe). São exemplo destes ofícios: todo o ciclo e arte de trabalhar o Linho (freguesia de Castelões, aldeia de Muceres), a arte da Funilaria/Latoaria (Lobão da Beira, Tondela), da Cestaria (freguesia de Nandufe), da Olaria de barro negro (tão tipicamente local, pertencente a uma freguesia vizinha, chamada Molelos), Tanoaria (vila de Campo de Besteiros). Ofícios estes, que são produzidos por inteiro de forma tradicional ou apenas em certas etapas do processo mas recorrendo sempre às técnicas ancestrais, estando algumas oficinas destes ofícios em funcionamento constante e ao dispor da visita do público em geral. Há realidades contudo que vêm perdendo o fulgor, que contrasta com as que conseguiram estabelecer uma saudável actividade e adaptação ao mercado actual. É exemplo o caso do barro negro de Molelos, que soube ajustar-se à modernidade e de peças utilitárias começou-se a investir em peças decorativas baseadas sempre no ancestral processo.

- Uso de produtos orgânicos do território, como a recuperação das tradições alimentares tradicionais.

- Vários são os fenómenos que têm vindo a ganhar consciência neste campo, é o caso da Feira anual do Artesanato e dos Produtos Locais que se realiza anualmente no Caramulo e que vai na sua 11ª edição, tendo ultimamente incidido mais sobre a Cultura Gastronómica onde reinam a doçaria local e principalmente o cabrito (IV Feira Semana Gastronómica do Cabrito, onde este ano se inseriu O concurso do “Doce Regional Serra do Caramulo”), com a participação de várias confrarias e restaurantes locais a mostrarem o que de melhor têm para oferecer nestas áreas. Muitos dos restaurantes locais, alguns bem distinguidos nas melhores rotas gastronómicas, utilizam muitos produtos internos, isto é, de produção local, muitas vezes oriundos do pequeno cultivo de privados e de empresas locais de agricultura biológica (o caso do Passadiço, Quinta dos Bispos, abastecidos pela EcoSeiva).

- Programas de alimentação sujeitos às escolas primárias e secundárias, em colaboração com a SlowFood.

- Negociar com a ADERETON - Associação de Desenvolvimento da Região de Tondela - a parceria com as empresas de agricultura biológica locais para constituição dos menus escolares.
- Criação de menus macrobióticos escolares.
- Implementar boas práticas nas cantinas e serviços alimentares nas escolas, como por exemplo, máquinas de sumo natural que podem servir de escoamento à típica laranja de besteiros.

- Programas de protecção da enogastronomia (a arte de cozinhar e comer ligada directamente há realidade vinícola da região) como de ementas que estejam em vias de extinção de valorização local.

- Da diferente panóplia de restaurantes existentes no concelho, dos mais conceituados às tascas mais típicas temos como certo que em todos eles, poderemos encontrar em abundância o regional vinho Dão, ora não estivéssemos inseridos na demarcada Zona Vitivinícola do mesmo. Das

diferentes cartas de vinhos encontra-se há disposição maioritariamente vinhos Regionais Dão, muito deles produzidos por pequenos produtores locais, que escoam assim o seu produto para serviços de restauração e consumo de privados. Existem diferentes pratos típicos confeccionados com o singular travo do vinho dão, é o caso do Arroz de *Vinha d'alhos* (restaurante passadiço) ou o cabrito assado com arroz de carqueja (restaurante passadiço).

- Enaltecer os produtos típicos da região assim como a referência aos seus meios de divulgação e comercialização.

- A já referida Feira anual do Artesanato e dos Produtos Locais realizada no caramulo, como diferentes e distintas festas e romarias locais onde se enaltece um certo tipo de gastronomia local, mas principalmente a realização da FICTON (Feira Industrial e Comercial de Tondela)

- Políticas de divulgação e promoção da cultura local.

- Todos os fenómenos referidos anteriormente têm total apoio e acompanhamento logístico por parte das entidades Municipais, significativo financiamento e divulgação nas suas diferentes áreas. Mas podemos referir a FICTON (Feira Industrial e Comercial do Concelho de Tondela) como a grande montra do município. *“Por ela passam todos os anos, milhares de visitantes que ali encontram um espaço diversificado que combina momentos de lazer e de animação com um certame de actividades económicas e de espaços de negócios, onde estão representados as unidades empresariais de referência do Concelho, para além da habitual mostra de artesanato e as representações das freguesias. Fruto da colaboração com as Freguesias, diversas Instituições, Empresas ou Associações ligadas à agricultura, pecuária, artesanato, produtos genuínos da terra, vinho e turismo, entre muitas outras, é possível perceber as potencialidades da nossa Terra, ao longo de mais de uma centena de expositores* (revista anual municipal, pag.10)

- Censos das árvores da cidade, assim como a recuperação de todos os elementos arbóreos históricos.

- Mapa das manchas florestais do Concelho.
- Divulgação da agricultura urbana assim como da escolar (criação da horta pedagógica), através da tradição agrícola local.
- (assunto pendente, marcação da reunião com os diferentes directores escolares a fim de delinear estratégias e saber o que tem realizado nestas áreas)

Hospitalidade

- Formação de sujeitos sobre o fenómeno turístico acerca de boas práticas da arte de bem receber.
- ADICES
(http://www.adices.pt/portal/page?_pageid=524,1462305&_dad=portal&_schema=PORTAL)
 - Cursos administrados de hotelaria e práticas em Restauração na Escola Preparatória de Molelos (em processo)
- Políticas de adopção do uso de sinalética internacional nos centros históricos assim como nos itinerários turísticos (por exemplo recorrer à língua inglesa)
- Com a regeneração Urbana do centro histórico de Tondela, o município empreende no sentido de valorizar a degustação local, criando condições de acessibilidade seja para o trânsito automóvel seja para os peões onde a tónica incida sobre a facilidade de movimentação e comunicação comunitária. Deslocando atractivo humano e comercial para o centro, como valorizando as zonas mais emblemáticas. Recorrendo a uma sinalética internacional de leitura fácil e acessível.
Por todo o Concelho multiplicam-se as atracções lúdicas e turísticas, com folhetos informativos e explícitos de cada realidade, geralmente traduzidos em duas línguas, Inglês e o Francês. É exemplo o complexo termal de São.Gemil (freguesia da Lageosa), os Roteiros Pedestres espalhados um pouco por todo o Município como os folhetos sobre a Cidade e Concelho no geral, disponibilizados no Centro de Turismo de

Tondela (situado no largo Anselmo Ferraz de Carvalho - Tondela) e do Caramulo.

- Desenvolvimento de metodologias de divulgação cultural, etnográfica, festiva assim como informação pertinente (parques, horários de funcionamento, tarifas, serviços públicos) com vista à informação do visitante.

-Criação de itinerários “slow” (roteiros pedestres) com divulgação abrangente, seja na Web, jornais, etc.

- Área bem desenvolvida no Município, onde se encontram homologados seis Percursos; Rota do Linho, Rota das Cruzes, Rota de Santiago, Rota dos Laranjais, Rota dos Caleiros e mais recentemente inaugurada a Rota dos Moinhos (que complementa o projecto Ambientes do Ar)

- Consciencialização dos diferentes promotores turísticos e comerciais para uma política de transparência e de divulgação de tarefas.

- Um esforço está a ser feito neste sentido como nos foi referido pelo Vereador Jorge Adão, de uma consciencialização de reajustar estratégias e cruzar experiencias pelos agentes turísticos do município.

Política Ambiental

- Verificação periódica da qualidade do ar, água e sol, assim como dos seus parâmetros.

- (a inteirar)

- Existência de purificadores de água nas instalações da Câmara Municipal de Tondela.

- (a inteirar)

- Planos inter-municipais de recolha e tratamento de vários tipos de lixo.
 - (a inteirar)
- Disseminação do conceito de compostagem industrial e habitacional.
 - Faz parte de disciplinas tais como as Ciências Naturais, e principalmente nos Cursos Científico-Naturais abordar teoricamente e didacticamente o tema, existindo nas escolas caixas de compostagem onde os alunos podem participar de uma forma prática e pedagógica no conhecimento do conceito. Na firma Ecoseica os proprietários fazem no espaço da mesma a sua própria compostagem para adubação das suas colheitas. A nível habitacional com a venda ao público em certas superfícies locais de caixotes para compostagem familiar, é uma prática que vem ganhando entusiastas, não tantos como gostaríamos, mas é uma mudança que está em curso.
- Plano Municipal para poupança de energia, uso de energias alternativas. (hídrica, eólica, biomassa, solar, geotérmica)
 - Parque eólico do Caramulo, e a Nutroton Energias ⁸ que tem bases no Município.
- Preocupação no uso de GMOs (genetically modified organism) na agricultura.
 - Os produtores de agricultura biológica locais gostariam de ver esta medida mais castrada institucionalmente contudo é uma problemática que não tem relativa força e consciência no cultivo agró-familiar e de pequeno formato que é característico do município.

Tecnologia e Equipamentos para a Qualidade Urbana

- Incentivo à criação e produção de bioarquitectura, assim como a sua promoção.
 - Projecto a ser desenvolvido no Caramulo.
- Plano de recolha de lixo bem elaborado.

⁸ (<http://www.ambienteonline.pt/noticias/detalhes.php?id=5961>)

- (a inteirar)
- Programa de ajardinamento em áreas publicas e privadas, recorrendo por exemplo a plantas com aroma
 - Há a intenção de propor ao município que este consecutivamente vá adoptando por medidas mais viáveis e originais de ajardinamento público, como por exemplo, a criação de jardins sensoriais, onde plantas com certos atributos sensoriais (o cheiro, a cor, a espécie) sejam agrupadas de forma a criar labirintos sensoriais aos transeuntes. Uma outra medida mais original e ao mesmo tempo cultural e sustentável, seria a substituição da característica relva em tudo o que são separadores rodoviários e rotundas por plantas características da região, como a carqueja, a giesta, a urze ...
- Proliferação da tecnologia em rede, em fibra óptica assim como em rede wireless.
 - (a inteirar)
- Sistemas de monitorização de campos electro-magnéticos.
 -
- Disseminação de serviços comunitários através do uso das novas tecnologias (network)
 - São vários os espaços disponibilizados à população neste aspecto, tal como o Espaço Internet, situado no Mercado Velho, o Ponto Já (IPJ - Instituto Português da Juventude) situado no espaço do NovoCiclo (sede da ACERT e antigo Colégio de Tondela), como ainda a projecção de um novo espaço internet na Vila de Canas-de-Santa-Maria
- Políticas de combate às áreas mais infectadas por poluição auditiva.

- Não existe nenhuma política neste sentido pois todos os espaços considerados mais barulhentos encontram-se longe da população, como exemplo a discoteca mais característica da zona (Velvet Club, sediada no antigo forno de coser a típica telha e tijolo burro da desactivada fábrica da Naia)

Políticas de Infraestruturas

- Projectos de recuperação dos centros Históricos e trabalhos de desenvolvimento de acções que procurem o carácter cultural de elementos de relevo.

- Está em marcha o projecto de Regeneração Urbana do Centro Histórico de Tondela, onde vai haver uma significativa transfiguração do centro da cidade, incidindo os trabalhos na requalificação do mobiliário urbano, nas acessibilidades e requalificação viária e de iluminação como também de renovações significativas em certas infraestruturas tal como o Novo Mercado Municipal.

- Políticas por uma mobilidade sustentável em termos viários.

- Desde o plano de Regeneração Urbana a novas vias e avenidas o Concelho deu nos últimos anos grandes saltos neste sentido, sendo inaugurados diferentes vias (da nova Avenida Europa à nova ciclovia muito se construiu neste sentido)

- Políticas urbanas de desenvolvimento à mobilidade através de meios alternativos em detrimento do veículo próprio. Recorrer à possibilidade de eixos pedestres ou ciclovias.

- Os roteiros pedestres e a EcoPista Dão

- Implementação de políticas de abate às barreiras arquitectónicas em lugares públicos ou de interesse público.

- Todas as infra-estruturas públicas construídas na última década têm tido a preocupação na sua projecção de criar rampas de acesso ou elevadores para que assim evitar este tipo de problemática, a exemplo ficam edifícios como o NovoCiclo Acert (que engloba Cinema, duas salas de

- Implementação de políticas e programas que favoreçam a vida familiar e acções locais de recreio e apoio imperativo às crianças e à 3ª idade.

- Com o objectivo de desenvolver um contacto saudável com as novas tecnologias, a Acção Social criou o projecto Net Sénior, um curso de iniciação à informática, cujo público-alvo são os idosos do Concelho. Estes conceitos básicos permitirão aos utentes actualizarem-se e familiarizarem-se com as novas tecnologias, criando motivações para que estes se “conectem” com familiares e amigos, fazendo da internet uma arma de combate à solidão.

Todas as Macro-Categorias podem ser preenchidas por excesso, isto é, se o município apresentar mais-valias que não se encontram discriminadas nos itens, estas devem ser anotadas e legitimadas. Em suma, os alicerces fundamentais do movimento “*slow city*” são a defesa de uma elevada e sustentável qualidade de vida, o saber conciliar as premissas reguladoras da modernidade com a degustação do bem viver “tradicional”. Com o processo de candidatura à rede *slowcity* o município de Tondela pretende elevar ainda mais os padrões de qualidade a que tem habituado os seus habitantes e visitantes. Ao se inserir numa prestigiada rede internacional todo o Município ganhará – à partida - valências para um objectivo comum onde a tónica incida cada vez mais na aposta das suas potencialidades intrínsecas, como o turismo ecológico/patrimonial associando-se também a um estilo de vida contemporâneo de consciencializações globais praticadas a uma escala local.

“No enquadramento do Desafio para a Prosperidade, estamos a promover os investimentos e a criar os meios para proporcionar uma maior e melhor qualidade de vida aos nossos munícipes. Espera-se assim que a cidade seja um espaço de activação colectiva com reajustes estruturais, para que assim se consiga identificar e criar “novos horizontes”, materializar novas formas e espaços de inovação cultural, bem como promover espaços de manifestação das diferenças e espaços de cooperação com os outros. A cidade deverá ser um espaço moderno, que corresponda a novos desafios, que visionem novos patamares e que, em simultâneo, respeite todo o passado histórico e cultural tão rico e vasto como o nosso” (revista anual, pag.109)

Conclusão

Esta dissertação procurou encontrar respostas aos paradoxos que atingem as sociedades contemporâneas, conotadas como sinónimos de progresso, onde o pilar basilar de suas estruturas se encontra assimilado à velocidade das ligações socioeconómicas globais. Para tal, explorou os mecanismos e as estratégias políticas de um contexto específico - o Concelho de Tondela.

Este Concelho pretende ser sinónimo de progresso, tendo em conta como as lutas deste município passam em muito por uma vinculação ao sofisticado global reivindicando contudo por “essências” locais de modo a viabilizar empreendimentos, candidaturas e protocolos financeiros, turísticos, sociais e culturais.

É dentro desta tónica híbrida de conceitos tidos como dicotómicos (tradicional/sofisticado, essência/progresso) que todo o discurso se alicerçou, pois serve de legitimação à verticalidade de poderes decisores, desde a hegemonia político-económica do Concelho e regências extra-regionais de Comando.

Sabendo incutir nos seus habitantes sentimentos identitários que promovem à coesão social e cultural, que acaba por desembocar num progresso a duas vozes e duas velocidades que se complementam e criam laços de pertença sustentáveis. Caso pragmático desta realidade híbrida, é o caso da candidatura de Tondela a *slowcity*, alegando assim compromissos sérios quanto à consciencialização de pertença ao “movimento” alicerçado na sustentabilidade e no progresso consciente, onde o lento e tradicional se pode e deve casar com o mais sofisticado e progressista.

Substrato de todo o discurso “defensivo” deste tipo de “categorização” deve-se em parte ao impulso na mudança de conceptualização para com o “Património”, principalmente o dito “Património Imaterial”. A partir da sua reflexão seja mais académica, política ou civil a “objectificação” do mesmo surge como “arma” manipulável pelas regências instigadoras de alterações *in loco*. E foi submetido sobre um certo compromisso com o local que esta dissertação se elaborou. Não sendo um exemplo de sistematização temática, regeu-se mais pelo “bebericar” de diferentes atmosferas que ao querer chegar ao Todo pode ter comprometido uma síntese de maior leitura, contudo sempre assente na “vivência” local e especulativa dos factos.

Bibliografia

- APPADURAI, Arjun. (1986) “*Theory in Anthropology: Center and Periphery*”. *Comparative Studies in Society and History*, (29): 356-61
- BAUMAN, Zigmunt. (2001) “*Modernidade líquida*”. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- CANCLINI, Néstor García. “*La modernidad después de la posmodernidad*”. In: BELUZZO, Ana Maria de Moraes (Org.). “*Modernidade: vanguardas artísticas na América Latina*”. São Paulon (1990)
- CHAMBERS, Robert. (2004) “*Ideas for development: reflecting forwards*”, IDS – Working Paper 238, November 2004. Available in <http://www.ids.ac.uk/ids/bookshop/wp/wp238.pdf> (2004)
- DURAND Jean-Yves (Ed.), 2006 (2a ed. 2008), *Os lenços de namorados. Frentes e versos de um produto artesanal no tempo da sua certificação*, Municipio de Vila Verde
- NOGUEIRA, Isabel. (2007) “*Do Pós-modernismo à exposição alternativa zero*”. Lisboa: Nova Veja
- MARCUS, George. (1995/1998) “*Etnography in/of the World System. The Emergence of Multi-Sited Etnography*”, *Etnography Trough Thick & Thin* 79-104
- KIRSSHENBLATT, Gimblett. (2003) “*Kodak Moments, Flashbulb Memories. Reflections on 9/11*”. *The Drama Review* 47, 1 (T177), Spring 1003
- PRATS, Llorenç. (1997) “*Antropologia y patrimonio*”, Ariel Antropologia
- SANTOS, M. (1999) “*A Natureza do espaço: Técnica e tempo. Razão e emoção*”. São Paulo: Hucitec.
- SAHLINS, Marshall, 1999, “Two or three things that I know about culture”, *The Journal of the Royal Anthropological Institute*, 5 (3).
- SACHS, J. (2006) “*O fim da pobreza*”, (sl), Casa das letras

- SIMON, David (1997) “*Development Reconsidered New Directions in Development Thinking*” Vol. 79, No. 4, Current Development Thinking
- TURNER, Victor W (1974) “*O processo ritual*”. Petropolis: Ed. Vozes, p. 116-159.
- YAEGER, P. (1996). “*The geography of identity*”. The University of Michigan Press
- THIESSE, Anne-Marie. (2000). “*A Criação das Identidades Nacionais*”, Lisboa, Temas e Debates.
- TSING, Anna L. (2005). “*Friction. Na Ethnography of Global Connection*”, Princeton University Press.
- YAGER, P. (1996) “*The geography of identity*”, The University of Michigan Press
- URRY, John.(1999). “*O Olhar do Turista*”. São Paulo: SESC/Studio Nobel.
- SACHS, J. (2006).”*O fim da pobreza*”, (sl), Casa das letras
- SAHLINS, Marshal (2003). “*The use and abuse of biology*” an anthropological critique of sociobiology. Chicago: The University of Michigan Press.
- SENNET, Richard (1999) “*A Corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*”. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Record
- SIMON, David (1997) “*Development Reconsidered New Directions in Development Thinking*” Vol. 79, No. 4, Current Development Thinking
- UNESCO, 2007, *Knowledge and practices concerning nature and the universe* [online] disponível em <http://www.unesco.org/culture/ich/index.php?pg=56>

O site oficial da organização Slowcity sediada em Orvieto é www.cittaslow.net

